

2005 NÚMERO I

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



A NEUTRALIZAÇÃO DA VONTADE E DO DESEJO

A ESFINGE E O CRISTO

O CAMPO DE TRABALHO

UMA CONVERSA "LUMINOSA"

A LANÇA DE LUZ

DIÁLOGO ENTRE A LUZ E A MATÉRIA

PELA PORTA "ABERTA"!

PENTAGRAMA

DO CAMPO DE TRABALHO

A Rosacruz moderna, em seus oitenta anos, encontrou solo fértil nos quatro continentes.

Desta vez, a ênfase será dada aos países africanos onde a Escola experimenta um florescimento que, no contexto ocidental, é geralmente inconcebível.



ÍNDICE

- 2 NEUTRALIZAR A VONTADE E O DESEJO – *Um artigo baseado numa alocução de J. van Rijckenborgh*
- 8 A ESFINGE E O CRISTO
- 14 O CAMPO DE TRABALHO – *Solo fértil nos quatro continentes*
- 28 UMA CONVERSA "*luminosa*"
- 30 A LANÇA DE LUZ – *Uma alocução para os alunos realizada pela Direção Espiritual Internacional*
- 37 DIÁLOGO ENTRE A LUZ E A MATÉRIA
- 40 PELA PORTA "ABERTA"! – *A obra de J. Anker Larsen*

ANO 27
NÚMERO 1

A árvore elefante africana.

A NEUTRALIZAÇÃO DA VONTADE E DO DESEJO

Um artigo baseado numa alocução de J. van Rijckenborgh

A filosofia da nova vida que a Escola da Rosacruz Áurea incessantemente propaga abrange princípios que estão em inteira concordância com a citação de Paulo no quadro ao lado.

Primero: o homem é uma criação do Espírito único. Sua manifestação atual é, contudo, imperfeita e está danificada. Quando morre, ele abandona seu corpo físico e seus quatro corpos veiculares já não formam uma unidade. Nesse estado imperfeito, ele já não pode "trazer a imagem do celeste", não lhe sendo mesmo possível continuar a existir, e muito menos ainda alcançar o reino eterno.

Segundo: o reino de Deus, tal como concebido tradicionalmente, o céu, o além, não é o verdadeiro reino de Deus, e por isso não garante nenhuma imortalidade, pois o além é apenas a metade deste mundo dos opostos, a parte invisível que ainda permanece oculta para a maioria de nós. Esse domínio não pode abrigar nenhuma eternidade, pois ele também é tão transitório e perecível quanto o domínio de vida terrestre ao qual estamos conscientes de pertencer neste exato momento. O reino de Deus pretensamente destinado à carne e ao sangue e a incorruptibilidade concebida como um prolongamento eterno de nossa existência são um engano, uma ilusão.

E assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim traremos também a imagem do celestial. E, agora, digo isto, irmãos: que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção. Eis aqui vos digo um mistério: na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.

I Coríntios 15: 49-52

Por que não temos o poder de alcançar a imagem do celeste, a radiação de Luz que nos envolve, a fim de adquirirmos uma melhor compreensão dessas coisas?

Certamente recebemos essa radiação da Luz, porém nós a transformamos em algo negativo. Podemos reagir de diferentes maneiras a essa vibração designada como "radiação crística" ou "Cristo", que nos toca e penetra o nosso ser. A radiação crística é onipresente na atmosfera e age sem descanso em cada ser humano, não importando o que ele faça. Sua ação nos prepara para uma nova maneira de ser no mundo, para um novo período humano, e de acordo com nossa reação ela pode ter um efeito construtivo ou destrutivo.



Todavia, essa radiação não proporciona à nossa vida material a imortalidade. Uma reação positiva não nos liberta da morte física. Mas quando empregamos a força de Cristo em nosso avançar, a morte do corpo físico pode significar um seguir adiante para a consciência. Se, no decorrer de nossa vida, adquirimos um conhecimento profundo de nós mesmos e do lugar que ocupamos neste campo de existência, subsequente o novo homem cresce em nós e a necessidade de reencarnar poderá até ser omitida. É a radiação crística e sua força – não os dogmas da Igreja – que atuam em nós até a ressurreição, até o despertar no corpo *espiritual*, quando a segunda morte, a do remanescente dos corpos sutis e da consciência, é então vencida.

Caso contrário, a morte significa o conseqüente viver na ilusão, com a única diferença que, a partir de então, a existência continua no mundo do além. O falecido permanece na ilusão de que o além seja o céu, o paraíso, o purgatório ou o inferno. Às vezes, ao passar para o mundo que se encontra por detrás do véu, ele faz a amarga descoberta de ter sido advertido durante toda a sua vida de que ali não existe nada que ele possa chamar de "totalmente outro". O que é, pois, necessário fazer para chegar, ainda em vida, à *ressurreição*, no sentido crístico do termo?

Desde o primeiro sermão evangélico, soou para o mundo e para a humanidade a exigência de um renascimento espiritual. Como temos reagido a ele no curso destes dois mil anos?

Muitos pesquisadores ligaram-se à Escola Espiritual. Isso significa que a Fraternidade da Luz deu-lhes a possibilidade de realizar o cristianismo original introduzindo-os na verdadeira

filosofia gnóstica. Caso se consagrem a ela com a entrega de todo o ser, todo o antigo neles desaparecerá e tudo se tornará novo.

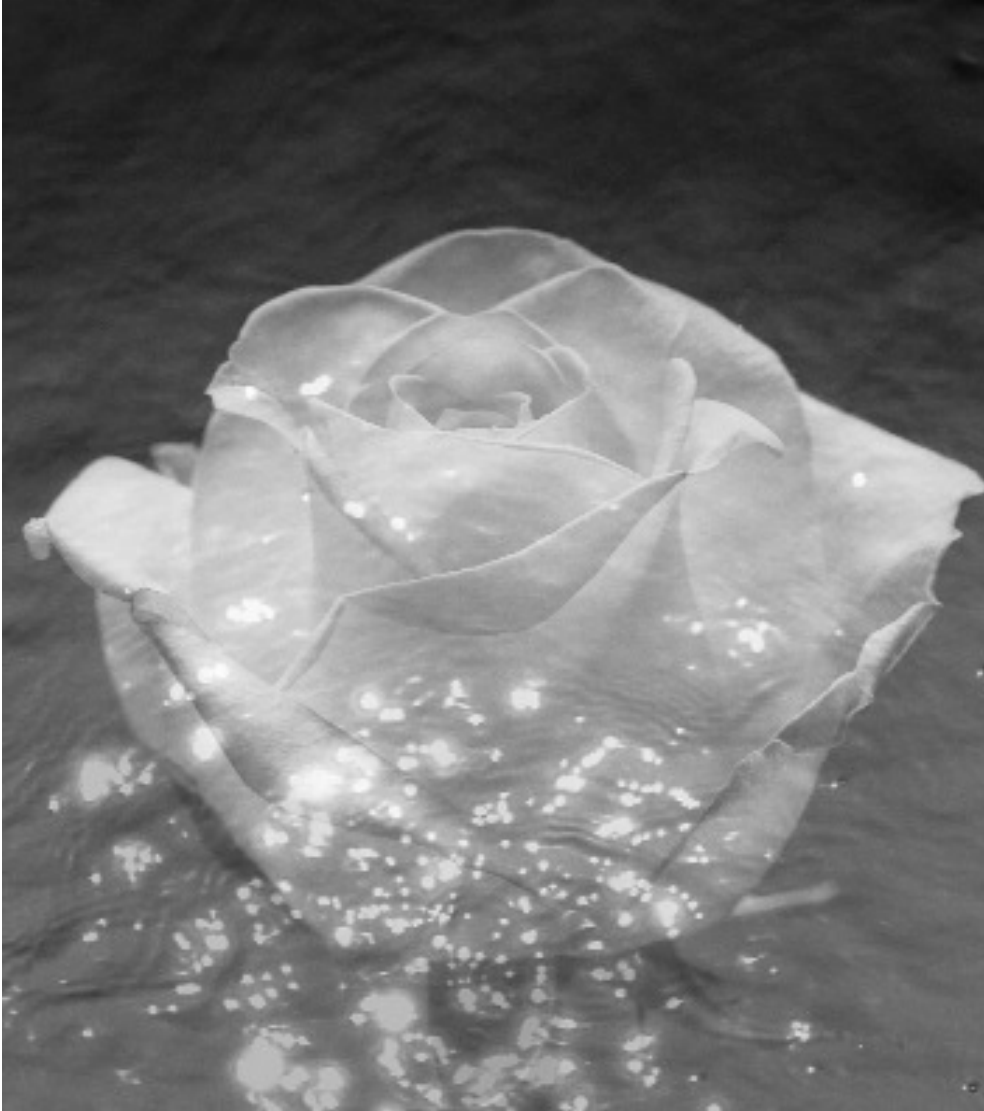
ENFIM, UMA ABERTURA?

Dois mil anos. Quantas encarnações viveu o homem nestes dois mil anos? E quantas lições ele aprendeu nos períodos entre as encarnações? Sua consciência cresceu e sua compreensão amadureceu? O que os homens de hoje alcançarão individualmente com isso? Quantas gerações já não foram influenciadas pelo novo impulso crístico, tal como descrito no Evangelho nestes dois mil anos?

Se considerarmos oitenta gerações das quais o homem atual é o resultado final, percebemos uma série de repetições gravadas em seu sangue. Nele estão ativas todas as oitenta gerações, que sempre fazem a mesma exigência martelada na bigorna psico-religiosa de seu sangue.

A LUZ IRROMPERÁ!

A luz se acumula no sangue até que ele atinja uma certa "qualidade", assim como é dito em *Dei gloria intacta*¹. Mas essa provisão de luz não pode continuar indefinidamente. E como tudo neste mundo dialético, isso também é levado a uma crise. E essa crise, esse momento de grande tensão, deve descarregar-se: um relaxamento deve acontecer para que isso não termine em destruição. No momento de maior tensão, estamos diante de uma decisão, pois a qualidade acumulada deve desembocar em algo. Chegamos a uma encruzilhada no nosso caminho. Temos apenas duas opções: ressurreição ou queda.



A rosa, símbolo da nova vida, pode se tornar inteiramente consciente no homem.

Mas para que as mãos não se apossem dela, é preciso ter perdido a hábito de querer dela se apoderar, segundo *A voz do silêncio*.

Foto Pentagrama.



Algumas pessoas sentem esse momento de crise de modo agudo. Outras não estão ainda totalmente conscientes dele. Talvez não tenham completado seu ciclo de experiências. Ou pertençam à categoria dos "mornos" que continuam a "ser cozidos no fogo brando" do hábito e do entorpecimento do ser interior que poderia trazer a vida a este planeta. São pessoas que não podem ficar sem a autoridade de um "guru", da Igreja ou do Estado, e que apenas têm uma abordagem intelectual do ensinamento universal. Como não têm uma percepção interior, elas não podem ou não querem aceitar o "tudo ou nada", e também não o realizam em sua prática de vida.

Quem conhece essa crise por expe-

riência própria e continua a suportá-la da maneira correta torna-se uma pessoa com *reminiscência*. O impulso crístico percebido como um lampejo de reminiscência divina cumpriu, então, sua tarefa. Um primeiro objetivo é atingido: a "centelha" no ser interior é reavivada. A pré-memória da glória do homem paradisíaco, do homem primordial da ordem divina, está mais ou menos viva. A lembrança conservada e desenvolvida na alma-sangue por milhares de gerações permitiu escolher a direção certa nesse momento de crise: a da filosofia gnóstico-esotérica renovada que leva ao renascimento.

O impulso espiritual da pré-memória nos impele para a luz, mas desco-

brimos, e isto é o que há de particular, que é impossível ser aceito pela luz com base na magia natural.

Este é o sentido de: "A carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus. O perecível não pode herdar o imperecível". Em outras palavras: a luz não pode desenvolver nenhuma força neste campo de vida; ela não pode dar-nos apoio algum neste mundo dos opostos, senão pelo despertar da pré-memória.

"MORRO DIARIAMENTE EM CRISTO"

A conclusão lógica que se impõe é a necessidade de romper com este campo de existência. Essa é uma realidade inevitável, e muitos não a aceitam. Isso não é uma invenção de Cristo ou da Escola Espiritual, embora a Rosacruz martele essa exigência e a reitere sem tréguas.

Romper com este campo de existência é "morrer diariamente" segundo a expressão de Paulo, renunciar diariamente a uma parcela do "velho homem", aos antigos valores da vida terrestre. Isso significa: romper com a consciência biológica, dissolver a autoconservação, as cobiças e as especulações que regem todo nosso comportamento, ou seja, o desaparecimento, em longo prazo, de todas as funções animais.

Não se pode colocar os pés em duas jangadas. Não é possível entrar no reino de Deus e continuar ligado às coisas terrestres. Não podemos servir a Deus e a Mamon. *Tudo ou nada*. Esta é a condição para se poder trilhar o caminho do renascimento.

"Quem quiser entrar no outro mundo, como lemos em *Cleopatra* de Henry Rider Haggard², terá de deixar morrer as raízes em sua própria terra e arran-

car impiedosamente as gavinhas da videira que o prendem ao antigo."

Em certo sentido isso concorda inteiramente com a idéia da Escola Espiritual de que não são várias raízes que devem perecer, mas todas as raízes. Quem quiser ingressar no outro mundo deverá deixar morrer todas as raízes de seu próprio mundo.

Essas raízes são ramificações de uma raiz-mãe: a autoconservação. É ela que deve perecer para que possamos extirpar suas ramificações. Mas atentai para o seguinte: deixar morrer, e não podar o que continua vivo. Podar significa forçar. E foi justamente tentando alcançar à força algo que não nos era destinado que perdemos nossa condição paradisíaca, criando um mundo de opostos.

O forçar apesar de tudo é causado pela vontade impelida por desejos turbulentos e desmedidos. Nós, seres humanos, nos deixamos levar pela vida apressados em satisfazer os desejos desenfreados. Corremos de um lado para outro. O homem é como um cavalo puro-sangue que patea nervoso e agitado, e esqueceu o que é repouso e paciência.

Daí a insistência com que é recomendado nada forçar, especialmente no que diz respeito a alcançar o "Reino". Forçar não traz libertação. Aquilo que pensais alcançar ou ter alcançado através do forçar, eventualmente e apesar de tudo, vos leva ao campo oposto, ao que foi reprimido. E o que é reprimido volta sempre de forma mais virulenta.

MAS COMO PODEMOS APREENDER O QUE É NOVO?

Não gostaríeis de vos voltar para o novo desejo, com a mesma grande

força de vontade com que continuais a correr de um objetivo para outro?

Não, assim foi-nos dito, na verdade, devemos esperar pelo novo, e não querer dele nos apossar.

Quereis, de qualquer modo, dizer adeus à natureza terrestre. Então, deveis rejeitar o dialético e sinistro jogo do desejo baseado em autoconservação no sentido especulativo. Desejar significa, aqui, atrair para si próprio. Mostrais um certo grau de impaciência, pois acreditais que a satisfação não é alcançada com a devida rapidez.

Entretanto, por "esperança" compreendemos: possuir fé é alimentar a confiança de que "Isso" existe, e que "Isso" virá a nós. E "Isso" virá, quando chegar o momento, se continuarmos a nos preparar em auto-oferecimento no altar de serviço e permitirmos o contínuo processo de autodemolição. E portanto existe somente um caminho: a neutralização da vontade e dos desejos. Devemos aprender a eliminar a vontade e os desejos se quisermos encontrar o Outro. Para que as mãos possam apreender, elas devem primeiro desaprender a agarrar, como é dito em *A voz do silêncio*³.

Neutralizar a vontade e os desejos é um passo no caminho da supressão da autoconservação. Essa autoconservação vos arma ciladas, mesmo quando ansiais por alimento e elixir espirituais, mesmo quando buskais com convicção o reino de Deus e aspirais somente por aquilo a que tendes direito. Mesmo esse desejo, por mais espiritual e não terreno que pareça, deve ser neutralizado, pois enquanto reconhecerdes esse desejo, é sinal de que ainda não vos distanciastes do *eu*. Nós ainda continuamos desejando.

Neutralizar o desejo! É isso que

deveis fazer! Fazei o trabalho que o caminho requer de vós, como pesquisadores ou como alunos da Rosacruz a serviço da grande obra. Não o façais para vós mesmos, mas sim porque vosso amor vos diz que isso deve ser feito. Não penseis em vosso próprio adiantamento espiritual, nem especulai sobre a promoção interior, porque eles virão a seu tempo e na hora exata. Não é verdade que "vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de lho pedirdes"⁴, como disse Cristo?

Quando a neutralização dos desejos foi levada ao extremo e toda especulação filosófica e metafísica abandonada, desenvolve-se, dentro do quadro do aprisionamento estrutural, uma recuperada liberdade da faculdade de pensamento. Vede então claramente em que consiste a meta de vida de alguém que encontrou a Gnosis: a edificação do homem celeste por meio dos mistérios cristãos. Então, através de uma reversão fundamental, alcançareis um estado de solidão indicado no Apocalipse de João como a "ilha de Patmos"⁵. Esse é um estado de espera inteligente e neutro pelo "Dia do Senhor". E é nesse estado de neutralização de vossa vontade e desejos que "elevais os olhos para os montes de onde virá o socorro"⁶.

1 Rijckenborgh, J. v., *O mistério iniciático cristão: Dei gloria intacta*. São Paulo, Jarinu: Editora Rosacruz, 2003.

2 Haggard, H. R., *Cleopatra: Being an account of the fall and vengeance of Harmachis, the royal egyptian, as set forth by his own hand*, Wildside Press, 2000.

3 Blavatsky, H.P., *A voz do silêncio – fragmentos do livro dos preceitos áureos*.

4 Mateus 6-9.

5 Apocalipse de João 1:9.

6 Salmo 121.



A ESFINGE E O CRISTO

As principais teorias concernentes à civilização e à religião do antigo Egito são constantemente revistas e modificadas. A respeito de muitos assuntos tateia-se ainda no escuro. O como e o porquê da Grande Pirâmide são exemplos das muitas interrogações a respeito desse período essencial da história da humanidade.

A pista que conduz ao cristianismo passa pelo Egito. Esta afirmação provocará muitas controvérsias, mas nós a fazemos conscientemente porque, segundo o ensinamento rosacruz, o desenvolvimento da consciência ocidental e da religião cristã seria inconcebível sem a base egípcia.

São numerosas as passagens bíblicas que sustentam esta opinião:

- a permanência de José no Egito, onde ele assumiu importantes funções;
- os anos de cativo que os israelitas ali passaram;
- o conflito de Moisés com os sacerdotes egípcios;
- a fuga de Jesus para o Egito e as palavras: "Do Egito chamei meu filho"¹.

Não devemos ver o Egito apenas como uma certa região, mas como uma civilização resplandecente, um lugar onde duas forças opostas se encontram há milhares de anos e onde conseqüentemente tornou-se visível a luta entre a luz e as trevas.

Os tesouros funerários do Egito, como o de Tutankamon, despertam a admiração. A vida desse faraó criança está associada a uma tragédia que mostra claramente o jogo de forças entre a luz e as trevas.

Tutankamon era filho de Akenaton, o "faraó herético". Ele foi casado com uma de suas irmãs, como era costume na família real egípcia.

Desde a juventude, Akenaton desejava operar uma renovação radical na religião do Egito, país governado e manipulado pela casta sacerdotal. Ele suprimiu todo o panteão que cercava o deus Amon, substituindo-o por um deus único, Aton. Assim Akenaton – junto com Moisés – apresentou-se co-

mo o primeiro fundador de uma religião monoteísta. Moisés, na mesma época, ensinava o monoteísmo ao povo judeu.

O centro de gravidade de sistemas como o de Akenaton ou o de Lao Tsé, por exemplo, é a orientação fundamental sobre Aton, ou o Tao.

O impulso dado por Akenaton e Lao Tsé não tem um efeito direto em nossos dias, muito embora lance uma luz interessante sobre os problemas sociais e políticos que nossa consciência, com sua maneira de trabalhar unicamente voltada para a percepção sensorial, é quase incapaz de resolver².

Em meio ao declínio da civilização da época, com a religião solar de Aton, Akenaton instituiu um novo poder, a despeito das resistências do clero de Amon. Esse período, bastante discutido, durou muito pouco tempo, aproximadamente quinze anos, de 1353 a 1335 a.C. Desse período dão testemunho as ruínas de Akhet-Aton, "Horizonte de Aton", a então nova cidade fundada por Akenaton, conhecida hoje como Tel el-Amarna, no Médio Egito.

É provável que Akenaton tenha sido assassinado. Em todo caso, a cidade solar foi aniquilada e o nome de Akenaton apagado tanto quanto possível. Foi como se esse faraó jamais tivesse existido. Em seguida veio um período de instabilidade. E um novo faraó, Tutankaton, de nove anos, um dos filhos de Akenaton, cujo nome foi mudado para Tutankamon.

Os sacerdotes retomaram o poder e permaneceram em segundo plano. Durante a curta vida de Tutankamon, todo o impulso de renovação de Akenaton foi reduzido a nada.

Não é de se surpreender então que uma criança como Tutankamon tenha

Gravura de uma pirâmide e da brilhante irradiação da "pedra do cume".
Pentagrama.



sido abusada em tais circunstâncias e que viesse a morrer jovem. Em seu crânio foram encontradas marcas de golpes violentos.

No livro *Akenaton, aquele que vive na verdade* do prêmio Nobel egípcio Nagib Mahfuz, é dito:

"Meu coração estava inquieto pelo meu mestre, o faraó Akenaton. Estava aflito com a idéia de que algo terrível pudesse acontecer a ele devido a tantas intrigas. Mas, em todas as circunstâncias, ele permanecia imperturbável. Sua fé tornava-se cada dia mais forte; mais forte do que outrora, quando ele acreditara na vitória. Ele se prendia ao amor, talvez ainda mais fortemente que antes, como se tomasse as trevas como sinais precursores de uma resplandecente claridade.

Em um daqueles dias sombrios, sob instigação dos sacerdotes, um assassino penetrou traiçoeiramente seus aposentos para matá-lo. Felizmente, minha flecha foi mais rápida; do contrário meu soberano não estaria vivo. Eu atingira o assassino no peito. Akenaton mal teve tempo de assustar-se. Com o coração apertado, ele olhou para o homem que dava o seu último suspiro. Após certo tempo, ele se voltou para mim e disse com ar cansa-

do: "Cumpriste o teu dever, Maho".

"Eu daria minha vida por ti!", exclamei. Mas Akenaton me perguntou tristemente: "Não podias tê-lo deixado viver?" "De modo algum", respondi ao meu senhor. E isso era verdade. Então, preocupado, ele suspirou: "Esses infames tramaram alguma ação criminosa que Aton abomina. Embora não tenham conseguido me eliminar, caímos na armadilha". Febrilmente, exclamei: "Os criminosos devem ser passados a fio de espada!"

"É justamente isso que o mal quer. Terá o mal jamais sido eliminado dessa maneira? Quando? Quando a humanidade inteira verá as coisas sob a mesma luz?"³

Eis aqui o grande dilema da existência humana: servir a luz em vez de se entregar ao desejo de poder; oferecer o amor misericordioso em vez de provocar o medo de viver.

Muitas pessoas buscam o amor. Todos os enganados e aflitos buscam, no mais fundo de seu coração, um chamado, um sinal de esperança. Para toda a humanidade, o símbolo desse chamado, dessa esperança, encontra-se no Egito, sob a forma da esfinge, como um poderoso sinal de reconhecimento. Mas não o monumento do leão com cabeça humana que vemos desgastado e danificado pelos milênios.

Não, o que temos em mente é um homem com juba e força de leão, que nos impressiona por seu poder e majestade. A esfinge é banhada pelo halo do sol que está atrás dela, como o brilho do deus solar descido dos céus.

Com essa imagem diante dos olhos, aquele que é tocado e deseja seguir com entusiasmo essa nova direção deve ir ao encontro da luz que o

Baixo-relevo com o monograma de Cristo. Síria. O círculo da eternidade, o P (rhesch) que representa Deus o Filho, e o X (chi) que representa Cristo. O Alfa, à direita, é o começo e o Ômega, o fim. Foto Pentagrama.

chama. Mas, inesperadamente, ele é repellido. Não se pode passar assim pura e simplesmente diante da esfinge, pois a partir desse momento pisamos em terreno mágico. Caso o buscador desconheça a senha secreta, ele não pode seguir adiante. O acesso à passagem secreta que vai da esfinge à Grande Pirâmide Lhe é negado. A poderosa e impressionante esfinge permanece silenciosa. Como saber quais são suas exigências? Como saber o que ela nos solicita que façamos? Resta-nos olhar a silhueta imponente que nos barra a passagem.

A esfinge monta guarda no lugar de Aton, o deus-Sol, que chama o ser humano... mas o homem, em seu estado atual, não pode ultrapassá-la.

O ser humano não pode receber a senha a menos que tenha triunfado sobre seu inimigo interior, o inimigo que vive *nele* e em nenhuma outra parte. É esse inimigo que impossibilita a passagem, pois sua voz jamais se cala e ele sempre se impõe.

ALFA E ÔMEGA – PRINCÍPIO E FIM

E assim o inimigo persevera até o instante em que o ser humano se lembra do outro leão: o Leão de Judá, o divino vitorioso cujo poder reduz o ego ao silêncio.

Então, no meio do deserto de sua vida, ele se lembra das palavras: "Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu sou o Deus do qual todas as coisas são"⁴. A esfinge permanece calada, mas o homem começa a adivinhar que é o Pai de todas as coisas que lança esse chamado.

Agora ele compreende o murmúrio: "Meu ser e meu coração se voltam para ti, tu me pertences". E a senha se mostra de modo evidente:

"O Leão de Judá". É Cristo, a energia solar libertadora do cosmo, que emana do Pai a fim de chamar os pequenos seres humanos para que saiam do deserto e retornem à sua verdadeira pátria. E esse chamado não ressoa apenas agora, ou ressoou há dois mil anos, ou no antigo Egito, porém ele ressoa incessantemente, pois há sempre um ser que busca e uma força libertadora que responde.

O círculo de fogo foi ultrapassado: entre as poderosas patas leoninas da esfinge abre-se o acesso à pirâmide radiante de luz.

Agora podemos olhar o interior do caminho iniciático que se abre. Se traçarmos uma linha reta, veremos que ela aponta para a estrela polar. Mas o corredor de entrada da pirâmide não sobe, porém desce. E o neófito fica estupefato. Acaso não acreditava ele realmente poder conquistar o céu? A "iniciação" não consiste em elevar-se, em treinar-se ou cultivar-se de modo refinado? "Aproximar-se de Deus" não significa "fugir do mundo"? No mais profundo de sua consciência, o neófito deve compenetrar-se da idéia de que a iniciação é um "caminho de cruz". E essa cruz está fincada no nadir de seu ser. A esse propósito, J. van Rijckenborgh escreveu: "É necessário coragem para descer. Que herói, que heroína segundo o espírito ousa avançar? Para ter essa audácia, é necessário abnegação, compreender as exigências do Leão de Judá, imerso nas areias do deserto da miséria humana: 'Vai, vende tudo o que tens... e segue-me' [...] Não se trata de fugir do mundo, mas de abarcar o mundo; de 'tomar sua cruz'; e, em nome da Luz, escolher as trevas para ali despertar a Luz"⁵. A abnegação conduz à câmara subterrânea da pirâmide.

Representação fantasiosa das pirâmides de Gisé. Gravura do século dezenove. Fonte: O velho mundo.

O QUE ACONTECE APÓS A OFERENDA DE SI MESMO?

Percorrer o caminho significa doar-se, em auto-rendição, à Luz, que nos liberta quando servimos a outrem. Nada pode ser mais claro! Disso resulta o autêntico autoconhecimento. Algumas vezes ouvimos dizer: é preciso primeiramente conhecer a si mesmo antes de encetar o caminho. Segue-se daí uma investigação mental mediante a qual acredita-se atingir as camadas profundas do ser, ou mesmo o subconsciente. Esse caminho é impraticável, pois o autoconhecimento não é mental, porém essencial. Ele diz respeito ao âmago dos homens. E aquele que se coloca a serviço do próximo e sacrifica-se pelos outros, pela luz nos outros, acaba encontrando a si mesmo. Tudo o que nele se encontrava oculto, tudo que lhe era desconhecido, lhe é revelado, e muitas ilusões são expulsas. Até mesmo a ilusão de ser um candidato, pois é unicamente o ser de luz, o Outro nele, que se encontra no caminho de iniciação.

Começamos por tomar consciência de nossos erros intencionais, pois, ao querer ajudar os demais, cometemos erros. Ao progredirmos, descobrimos

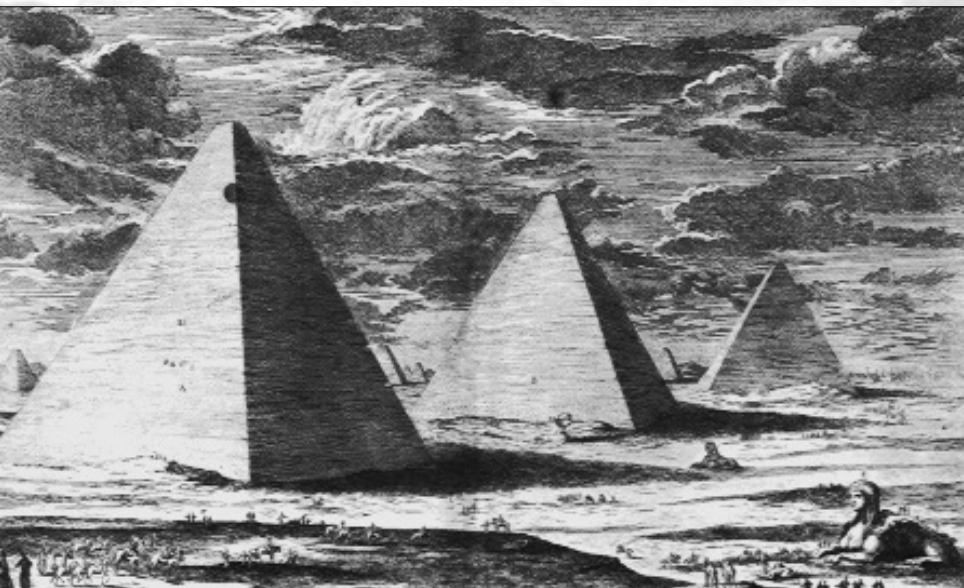
o pouco valor de nossa ajuda bem como a maneira como fracassamos. E experimentamos como tudo, começando pela consciência humana natural, é deformado, esquisito, embaralhado como o fio de um novelo. Conjecturas errôneas, por parte dos outros ou de nós mesmos, interpõem-se por toda parte. E finalmente descobrimos a causa, o motivo a partir do qual tudo começou.

Tal é a degradação do homem culto – e também a do homem natural. Eventualmente o caminho leva para baixo, para a fonte, a raiz, o fogo fundamental do plexo sacro. É ali que se encontra a câmara subterrânea da pirâmide. À semelhança de uma criança ingênua, purificado pelos serviços prestados e pela compreensão, cheio de arrependimento, como o filho pródigo, o homem se encontra diante do fogo criador.

Mas, esse também é um momento perigoso! Pois, como ir mais além? Acaso não é esse fogo criador mal utilizado a causa de toda miséria da humanidade? Como é possível fazer bom uso desse fogo?

Quando o serviço ao próximo e uma sábia compreensão iluminam o *amor* no coração, o caminho passa a

subir por um curto instante, pois a progressão da iniciação na pirâmide do serviço ao próximo logo se choca contra um grande e pesado bloco de granito: para um ser comum, o caminho, nesse momento, torna-se absurdo e impraticável. Que sig-



nifica esse símbolo representado por uma barreira de pedra senão a imagem do ser humano com todos seus motivos egocêntricos? Por melhores que sejam suas intenções adquiridas pela humildade, ele não se encontra apto para verdadeiramente percorrer o caminho iniciático. Apenas a vivificação nascida da ajuda ao próximo, que corresponde à rendição ao *amor universal* e ao núcleo divino em si, permite seguir o caminho ascendente.

Por isso, o processo de auto-rendição a esse princípio não pode ser seguido senão pelo poder da nova alma. Por esse novo caminho, desta vez horizontal – o madeiro transversal da cruz no caminho – o homem-alma chega à câmara da rainha, o lugar onde a Luz renasce. Aqui o Cristo interior imaculado é recebido, o Outro em nós, que emana da "Mãe" simbólica, símbolo da virgem dos mistérios. Trata-se da recepção de uma nova força espiritual não material. J. van Rijckenborgh disse que nesse ponto o buscador vence todos os fatores de oposição que entravam o verdadeiro desenvolvimento da humanidade.

A CÂMARA DO REI

A despeito desse santo momento na câmara da rainha, o neófito recebe uma séria advertência: "Quem estiver em pé cuide-se para não cair". Na Grande Pirâmide, esse aviso é simbolizado por uma passagem que parece uma armadilha; esse fosso lembra a câmara subterrânea. Depois, após uma nova purificação, o caminho deve ser reiniciado.

Nessa força espiritual crística há uma atividade desenfreada, dinâmica e pacífica ao mesmo tempo. Quando o

desenvolvimento da alma chega a esse ponto, abre-se diante do candidato uma galeria grande, alta e larga que leva à câmara do rei.

Trata-se do caminho triunfal em que a Luz abençoa a personalidade que perseverou. Uma inexprimível majestade preenche a galeria ascendente. Aqui, novamente e antes de seu ingresso, o candidato deve dar provas de que realmente compreendeu o mistério crístico que a esfinge lhe ensinou, pois para entrar na câmara do rei é preciso que o candidato se curve para passar por uma abertura bastante baixa.

Somente em humildade ele pode aí entrar. Ele ainda nada sabe das grandes provas que o aguardam. Nele apenas arde o único saber: por meu serviço, eu me reduzi a nada; somente ele, o Outro em mim, tornou-se tudo.

Toda substância terrestre desapareceu e o sarcófago é totalmente preenchido de vibrações do Espírito. A imagem da fênix, o pássaro dos mistérios egípcios, aplica-se agora ao candidato: o egocentrismo da personalidade foi vencido, aniquilado, e o corpo da alma ressuscita no fogo da purificação.

A Grande Pirâmide pronunciou a palavra mágica. A missão do ser humano, da humanidade inteira, está inscrita em suas pedras. Esse é o chamado da esfinge para seguir a Cristo: "Vende tudo o que tens... e segue-me"¹.

1 Mateus 2,15.

2 Rijckenborgh, J. v. e Petri, C. d., *A Gnosis chinesa*, cap. 3. Jarinu: Ed. Rosacruz – em preparação.

3 Machfus, N., *Echnaton. Der in der Wahrheit lebt*. Zurique: Unionsverlag, 1999.

4 Apocalipse 21, 6-8.

5 Rijckenborgh, J. v., *A Grande Pirâmide – Pentagrama* ano 4, nº 9, 10 e 12 (ed. francesa).



O CAMPO DE TRABALHO

A Rosacruz moderna, em seus oitenta anos, encontrou solo fértil nos quatro continentes. Já é uma tradição apresentar, no primeiro número da revista Pentagrama de cada ano, um relatório sobre a extensão de seu campo de trabalho mundial. Desta vez, a ênfase será dada aos países africanos onde a Escola experimenta um florescimento que, no contexto ocidental, é geralmente inconcebível.



NOVOS NÚCLEOS

Na primeira semana de janeiro de 2004 foram abertos três núcleos. No dia 3 de janeiro, em Rennes, a noroeste da França; no dia 6 de janeiro, em Bolzano/Bozen, Itália/Áustria; e no dia 8 de janeiro, em Koszalin, na Polônia.

O núcleo de Bolzano é único, pois, estando situado na fronteira entre a Itália e a Áustria, é freqüentado por alunos desses dois países. Em setembro, esses dois grupos organizaram uma tarde de orientação e uma exposição: "Os quatrocentos anos da Rosacruz". Nessa ocasião, um funcionário dos arquivos municipais fez uma palestra sobre "Adam Haslmayer, escritor da cidade de Bolzano e propagador dos Manifestos Rosacruzes". Haslmayer, músico, filósofo, alquimista e teósofo, foi o primeiro a publicar uma resposta à *Fama Fraternitatis*, o chamado da Fraternidade Rosacruz, de 1614. As autoridades eclesiásticas sentiram-se confrontadas, e ele foi condenado às galés por tempo indeterminado, sendo liberto somente quatro anos e meio mais tarde.

AMÉRICA DO NORTE

Em abril, uma primeira Conferência de Renovação aconteceu na parte anglófona do Canadá. Em Inverary, Ontário, está localizado o Kingston Conference Center, a meio caminho entre as grandes cidades de Toronto e Montreal. No início havia apenas duas conferências por ano, especialmente para os alunos de Ontário que nem sempre podiam fazer a longa viagem para Chatham, no estado de Nova Iorque. Nessa primeira conferência estavam presentes alunos da Holanda e da Califórnia.

AMÉRICA CENTRAL, MÉXICO

No México, novamente vemos confirmado o longo alcance do olhar dos fundadores da Escola Espiritual: em todo o mundo, muitos buscadores se voltam para a força libertadora e a orientação prática de uma vida totalmente interior mostrada pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Um grupo de amigos mexicanos, reunidos por um longo tempo na busca comum da verdade, tomou contato, pela primeira vez, com a obra dos grão-mestres. A consequência desse feliz acontecimento foi a abertura, em Guadalajara, México, do primeiro núcleo do Lectorium Rosicrucianum. Aproximadamente sessenta e dois alunos, dentre os quais alguns vindos dos Estados Unidos, da Holanda e da Espanha, assistiram essa conferência realizada por ocasião da inauguração. Nos dias que se seguiram, foram realizadas duas palestras públicas, acompanhadas com bastante interesse. Num artigo de uma próxima edição da revista Pentagrama de 2005 relataremos as características espirituais particulares desse país.

AMÉRICA DO SUL, BRASIL

Exatamente abaixo da linha do equador, a 3° de latitude sul e 60° de longitude oeste, está Manaus, uma cidade de um milhão e meio de habitantes. Ela se estende pela margem norte do rio Negro, um afluente do rio Amazonas, e é praticamente inatingível por via terrestre. A cidade somente pode ser alcançada de avião ou de barco – 1000 km pelo rio Amazonas! A capital do Amazonas é um dos mais importantes portos do Brasil. Desde o final dos anos 70, a Escola está ali estabelecida. Certamente podemos imaginar a grande alegria do grupo de quase 25 alunos quando, em 17 de julho, um núcleo e



À esquerda: o símbolo do Lectorium Rosicrucianum marca a entrada do núcleo de Pointe Noire na República do Congo.



1 e 6: Reunião da Mocidade no Centro de Conferências La Source Vive, em Kinshasa, República Democrática do Congo.
2 e 4: Entrada do Jardim do Centro de Conferências de Libreville, Gabão.
3: Terreno do novo núcleo de Matadi, República Democrática do Congo.
5: Alguns alunos em frente da entrada do núcleo de Pointe Noire.

um templo foram inaugurados. Nessa ocasião estavam presentes, além de alunos de outros núcleos do Brasil, visitantes dos EUA, Suíça e Holanda.

No Espírito Santo, bem mais ao sul do país, foi encontrado um novo local para o trabalho, cujo prédio foi totalmente reformado. Além de todo o espaço especial de núcleo, existe também um espaço para o trabalho público. A consagração, em 5 de maio, de um novo templo para aproximadamente 50 pessoas culminou todos esses esforços.

Em 24 de outubro, no Centro de Conferências Pedra Angular, em Jarinu, aconteceu um dia de "portas abertas". O tema das curtas palestras foram o Santo Graal e a mensagem especial da Escola Espiritual. Houve um animado intercâmbio de idéias. Aos visitantes – 550 amigos, parentes e pesquisadores – foram mostrados os prédios e o templo.

Jovens alunos e jovens do Trabalho da Mocidade prepararam uma peça sobre a lenda de Parsifal. Abertura, transparência, atenção, compreensão, alegria e realização interna foram as palavras com as quais alunos e visitantes comentaram as experiências desse dia.

ÁFRICA, CAMARÕES

Camarões é tão grande quanto a Alemanha e tem 16 milhões de habitantes. Ali se encontram dois centros importantes do Lectorium Rosicrucianum: em Iaundê, a capital, há um Centro de Conferências de Renovação, "A Nova Aurora", e outro Centro encontra-se na cidade portuária de Duala, a 350 km de Iaundê. Além disso, em Edea, entre Duala e Iaundê, os alunos se reúnem regularmente em um pequeno templo particularmente bonito.

O Centro de Conferências "A



Nova Aurora" foi abandonado em 2005. Com capacidade para 300 pessoas, ele se tornou muito pequeno diante do crescimento do grupo. Como resultado de grandes esforços, um novo Centro foi construído no Monte Febé, incluindo os alojamentos. Do alto dessa colina tem-se uma bela vista da cidade. É um lugar esplêndido, onde a temperatura é bem mais amena que o calor tropical que impera nos arredores. Em março de 2005 será consagrado o grande templo, com capacidade para 500

pessoas. Camarões conta com 700 alunos e o Trabalho da Mocidade está em plena florescência. Palestras públicas e reuniões são realizadas em espaços menores, e simpósios são às vezes organizados na capital. Tudo isso desperta ali um grande interesse.

ÁFRICA, REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Em Kinshasa – 6 milhões de habitantes – capital da República Democrática do Congo, encontra-se o Centro de Conferências *La Source Vive* (A Fonte Viva). Ali acontece mensalmente, além dos serviços e outras reuniões, uma Conferência de Renovação para cerca de 150 a 200 alunos. Esse Centro não pára de crescer. Atualmente, um refeitório e alojamentos encontram-se em fase de construção, porém a falta de dinheiro retarda o andamento da obra. A República Democrática do Congo



O CAMPO DE TRABALHO

Sobre a placa do Lectorium Rosicrucianum de Brazzaville brilha, à esquerda, a rosa sêtupla mencionada em *Summum Bonum* de Robert Fludd.

é cinco vezes maior que a Alemanha e conta com 57 milhões de habitantes. Apesar da situação difícil (um médico competente não ganha ali mais que 30 dólares por mês, quando recebe!) a obra da Escola Espiritual prossegue.

A cidade de Matadi (a rocha), às margens do rio Congo, a 350 km de Kinshasa, é rodeada por pequenas elevações e situa-se ao lado do oceano Atlântico. Ali, um grupo de aproximadamente 70 alunos deu os últimos retoques no pequeno núcleo e em seu templo. A conclusão do conjunto está prevista para o início deste ano. Muitos alunos estão espalhados nessa imensa república congolosa. Em Boma (Baixo Congo), perto da fronteira de Angola, existem aproximadamente 50 alunos. Na província de Katanga estão as cidades de Lubumbashi (2000 km a sudoeste de Kinshasa) e de Likasi. Na primeira residem cerca de 50 alunos e na segunda, 35. Nessa região existem minas de cobre, cobalto, urânio e rádio. Em Mbuji Mayi, capital da província de Kasai Leste, conhecida por suas minas de diamantes, há 90 alunos. Ainda mais longe, encontram-se alunos nas cidades de Mwene Ditu e Kananga (em Kasai Oeste). Os meios de comunicação entre essas cidades são bastante ruins. Algumas estradas são perigosas, com uma só mão de direção, ou simplesmente são intransitáveis. Mesmo assim o Trabalho da Mocidade é bastante ativo: as crianças vão de bom grado aos núcleos, seja a pé ou em veículos improvisados.

ÁFRICA, GABÃO

O Gabão tem um milhão de habitantes e compreende 40 grupos étnicos. Na capital, Libreville, há um belíssimo núcleo do Lectorium Rosicrucianum. O interesse pela

Escola Espiritual ali é grande, e os serviços e palestras são bastante frequentes; não é raro que o número de interessados que assistem a uma palestra pública chegue a 150. Alguns alunos doaram um terreno nos arredores da cidade, onde futuramente se erguerá o centro de conferências. Os trabalhos já tiveram início. No Gabão existem cerca de 130 alunos.

ÁFRICA, COSTA DO MARFIM

Nesse país em guerra há um grupo de 40 alunos devotados ao trabalho da Escola. Há pouco tempo eles se instalaram em um novo núcleo no porto de Abidjan, antiga capital. Infelizmente, as atividades dos rebeldes causaram a perda de outro núcleo situado em Buakê, 459 km ao norte de Abidjan. O novo núcleo dessa cidade foi inaugurado em outubro. Ali também é grande o interesse pela Escola Espiritual. A Costa do Marfim, com uma superfície menor do que o Gabão, possui 17 milhões de habitantes. Ali impera forte recessão econômica e, depois da guerra, o país terá de enfrentar uma dívida externa de cerca de 14 bilhões de dólares.

ÁFRICA, BENIN

Esse país de sete milhões de habitantes espreme-se entre o Togo e a Nigéria, rica em petróleo, e é quase do tamanho do Acre. Entre a cidade de Cotonu, na embocadura do Queme, e a capital, Porto Novo, encontra-se a pequena vila de Djerebé, onde está situado o Centro de Conferências *Sole Novo* (Novo Sol), numa região rural sem ruído de tráfego. No Benin há aproximadamente 100 alunos, principalmente nessas duas grandes cidades. Uma conferência de renovação é realizada mensalmente em *Sole Novo*. No norte do



país há uma pequena construção (que ainda não é um núcleo) onde se reúne regularmente um certo número de alunos.

ÁFRICA, REPÚBLICA DO CONGO

A República do Congo situa-se imediatamente abaixo do equador e tem 3,5 milhões de habitantes. A capital, Brazzaville fica em frente a Kinshasa, na outra margem do majestoso rio Congo, e tem um milhão e meio de habitantes. Nessa cidade bastante sofrida existem mais ou menos 35 alunos que construíram um núcleo em terreno próprio. Em julho de 1997, o núcleo foi saqueado durante um conflito político armado. A cidade e os arredores oferecem pouca segurança por causa dos soldados que continuam rondando por ali. Tomar o trem para ir até o porto de Pointe Noire não é recomendá-

vel. Nessa cidade existe um pequeno núcleo na casa de um dos alunos mais antigos. Nos arredores da cidade, um bonito terreno foi adquirido pelos alunos de Pointe Noire e as paredes de um novo núcleo já foram erguidas.

EUROPA, ALEMANHA

Em 6 de março, um sábado, foram inauguradas as novas instalações do núcleo de Sarrebrücken, no sudoeste da Alemanha. No dia 20 do mesmo mês foi erigido no Templo Christianopolis, em Birnbach, um monumento que representa a atividade da natureza superior voltada para a humanidade e a de um grupo de homens que aspira a se elevar até ela. Isso é simbolizado por duas pirâmides que se unem no vértice. A pirâmide descendente mostra a rosa da Cabeça Áurea – o campo da ressur-

O bonito jardim do Centro de Conferências de Edshult, na Suécia, refletido em um vaso.



- 1 e 3: A exposição "Rosacruz e Hermetismo" em Barcelona, Espanha.
- 2: O núcleo de Bozen/Bolzano na Áustria/Itália.
- 4: Cartaz do Simpósio "400 anos de Rosacruz" em Moscou, Rússia.
- 5 e 6: O novo núcleo de Lisboa.
- 7: As duas pirâmides imbricadas no Templo Christianopolis.

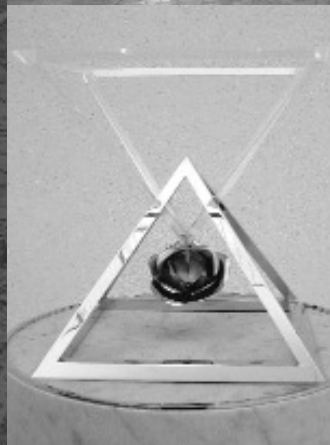
reição. No primeiro capítulo da terceira parte de *A Gnosis em sua atual manifestação*, Jan van Rijckenborgh explica a importância dessa ligação. Uma escola espiritual estabelecida na terra aplica-se a vencer, sem descanso, as forças cármicas, o carma do mundo, bem como o carma individual, a fim de poder permanecer no puro campo nutridor da Gnosis. Isso exige um trabalho sobre si mesmo, empreendido com toda a energia necessária para vencer o mundo (no sentido místico, as forças cármicas são designadas pela palavra "mundo"). O *pólo norte* do campo magnético da Escola Espiritual, então, liberta-se desta natureza e se torna pura luz. Para os alunos, esse campo é o campo da ressurreição. Esta é a atividade empreendida

pela Escola Espiritual na terra: a vitória sobre o mundo. Desse modo, os alunos sustentam e valorizam uma ligação pura com o novo campo de vida.

EUROPA, SUÉCIA



A conferência internacional realizada em Edshult, de 4 a 8 de agosto, despertou grande interesse. Cerca de 80 alunos estrangeiros encontraram-se na atmosfera campestre desse núcleo. Um grupo de holandeses, que veio de carro, seguiu para Visingsö, uma ilha situada ao norte de Jonköping, em cujo centro encontra-se um grande pentagrama de pedra, como não há em parte alguma na Suécia. Numa das tardes da conferência foi abordada a história de Edshult, e ficou pa-



tente que a Luz aí já vinha atuando há muito tempo.

Em 4 de dezembro, os alunos suecos de Estocolmo organizaram um seminário sobre Erik Johan Stagnelius, um poeta descrito como um típico romântico nórdico, que viveu de 1793 a 1823. Não se sabe quase nada de sua vida, mas ele é tido como um dos maiores poetas da literatura sueca e um típico representante de seu tempo. Atormentado entre os desejos irrealizáveis e a problemática romântica da época, seus sentimentos faziam-no passar do abatimento mais profundo aos mais sublimes êxtases. Sentia-se um estrangeiro em sua terra – mas também sabia a razão desse sentimento. Em *Amigo de uma época desesperada* ele escreveu: "Que anjo consolador colocará em tua alma ordem e beleza, restabelecerá este mundo despedaçado, elevará o altar demolido e nele acenderá a chama sagrada?"

Que outro ser senão o ser todo poderoso que, de um beijo, deu vida aos serafins, saindo das trevas infinitas, lançando na dança os inumeráveis sóis e faz, mediante sua força, girar os mundos até os dias de hoje? Sim, alegre-te, meu amigo, e canta em meio aos mais negros tormentos: a noite é a mãe do dia, o caos é vizinho de Deus." Stagnelius é, com muita frequência, qualificado de "poeta gnóstico". Esse foi o aspecto amplamente evocado nesse seminário.

EUROPA, ESPANHA

Nos meses de setembro e outubro aconteceu em Barcelona uma exposição com o tema "Hermetismo e Rosacruz: os mistérios egípcios e sua influência na vida espiritual da Europa". Essa manifestação foi preparada pela Fundación Rosacruz da Espanha e pela Bibliotheca Philo-



1: Confraternização no hall do primeiro núcleo do México, durante a inauguração em Guadalajara.

2 e 3: "Portas abertas" no Centro de Conferências "Pedra Angular" em Jarinu, Brasil.

4: O porto de Manaus, no Rio Negro, mil quilômetros rio adentro.

5: Centro de Conferências de Kingston em Ontário, Canadá.

sophica Hermetica de Amsterdã em colaboração com a Biblioteca Arús de Barcelona. Esta última, fundada em 1895, é a mais rica biblioteca do mundo em franco-maçonaria. Na época do general Franco, essa instituição precisou esconder seus livros esotéricos por receio de vê-los confiscados.

Por ocasião da exposição, foram feitas duas palestras públicas. Os painéis mostravam eloqüentemente que o hermetismo, cuja fonte é o Egito dos faraós, passando pela alquimia, havia sido o fundamento do trabalho da Rosacruz clássica, um trabalho que perdura até os dias de hoje.

Hermes é a fonte!

Um bonito catálogo com muitos detalhes e livros de uma grande beleza tocaram o coração do visitante desejoso de mergulhar, por alguns momentos, no assunto em questão, e assim elevar-se acima do cotidiano.

É possível ver essa exposição – com os livros originais – no Centro de Conferências El Nuevo Mercurio, em Zaragoza, antes que ela seja transferida para Madri.

EUROPA, MALTA

A ilha de Malta é conhecida por seus velhos templos de milhares de anos, onde o caduceu e o signo de Touro ocupam importante lugar. As ruínas desses templos e os subterrâneos são considerados os mais antigos monumentos de pedra do mundo. Eles são tão singulares que a

UNESCO declarou essa arquitetura megalítica de aproximadamente 6000 anos patrimônio da humanidade. Em



Valetta, a capital, foram realizadas, em 15 de novembro, uma Conferência de Renovação e uma palestra pública com o tema "Carma e reencarnação", assistida por quarenta interessados. Os painéis que traziam todos os tipos de informação provocaram numerosas discussões. Todos ouviram atentamente e, após o intervalo, não faltaram trocas de idéias. Disso resultou um grande interesse pelo curso que deveria começar duas semanas mais tarde.

EUROPA, RÚSSIA São Petersburgo

Na Rússia, as formalidades administrativas tomam muito tempo. Em 2004 um terreno com alguns casebres deteriorados foi adquirido nas proximidades de São Petersburgo. Foram necessários dois meses para a assinatura do contrato, e sem dúvida não levará menos tempo para a aquisição do





terreno limítrofe pelo qual a Escola se interessa. Para se ganhar um pouco do tempo despendido com esses procedimentos, pensa-se em erguer uma construção pré-fabricada para 100 pessoas.

Novo centro de conferências perto de Moscou

É compreensível que os alunos russos sonhem com seu próprio Centro de Conferências, mas no momento trata-se apenas de um desejo. Alguns alunos adquiriram um terreno de cerca de cinco hectares a uns 30 quilômetros a noroeste de Moscou, mas ainda não têm permissão para construir. Contudo, com o atual desenvolvimento econômico russo, é muito provável que isso aconteça rapidamente.

Colaboração particular

Um (jovem) campo de trabalho tem a possibilidade de trilhar novos

caminhos e de desenvolver canais de informação alternativos. A Editora Rosacruz da Rússia cedeu à editora esotérica Amrita-Rous os direitos de edição, com formato específico, dos tomos I e II da *Arquignosis egípcia*. Esses dois tomos contêm todas as informações necessárias sobre o Lectorium Rosicrucianum e sua literatura. A tiragem foi de 5000 exemplares para cada tomo. A distribuição e a divulgação serão feitas em toda a Rússia. Assim, as obras de Jan van Rijckenborgh e de Catharose de Petri alcançarão o grande público: o editor prevê que esses exemplares se esgotarão em um semestre. Além disso, os tomos de I a IV serão igualmente publicados pela Editora Rosacruz da Rússia.

Exposição e simpósio

Em abril de 1993 duas palestras públicas e uma exposição foram o ponto de partida do trabalho na





madamente quarenta alunos vindos da Europa e 210 alunos russos.

SIMPÓSIOS E CONFERÊNCIAS DE UM DIA NA HOLANDA

Alkmaar

Em setembro, o aniversário de 750 anos de Alkmaar foi o ponto de partida para a realização de um simpósio sobre o tema "Cornelis Drebbel, uma destacada personalidade de Alkmaar". Na biblioteca pública, mais de 100 convidados visitaram a exposição e assistiram à palestra com o mesmo tema. Nelas foi ressaltada a íntima conexão entre esse personagem e a primeira edição integral do Corpus Hermeticum em holandês. Foi mencionado o círculo ao qual Drebbel pertencia e que, sob os auspícios do cáiser Rodolfo II de Habsburgo, tentou revelar a grandeza potencial do ser humano: o homem universal como reflexo do Bem único, do Espírito único. Drebbel e seu amigo Robert Fludd, que ele conheceu na corte de James I, partilhavam esse mesmo conhecimento, e esse fio condutor os uniu. Por meio de tentativas diversas, de invenções e de experiências químicas, eles provaram que os fenômenos herméticos tinham seu equivalente até na matéria; que a luz influía nas mínimas partículas impondo-lhes suas leis.

Renova

"A Gnosis é o conhecimento daquilo que fomos e do que viremos a ser, do lugar onde estávamos e daquele para o qual nos precipitamos, para onde nos apressamos e de que nos libertamos, do que é nascimento e renascimento."

Essa citação do filósofo Teódoto (século II d.C.) constituiu o tema do simpósio que aconteceu em Renova no dia 15 de maio com o título "Fundamento e significado do cristianismo interior". O ponto de

Rússia. Foi no decorrer de um simpósio organizado de comum acordo pela Bibliotheca Philosophica Hermetica e a Biblioteca Rudomino de Moscou, e sob a iniciativa da diretora desta última, sra. Ekaterina Genieva, que a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea teve a oportunidade de se apresentar.

Em 29 de novembro de 2004, depois desse acontecimento e em continuidade a ele, o embaixador da Holanda na Rússia, Dr. Tiddo Hofstee, inaugurou a exposição "Os quatro séculos da Rosacruz" na presença de aproximadamente 200 visitantes do simpósio.

Nessa ocasião, a Escola Espiritual e a Bibliotheca Philosophica Hermetica realizaram, no imenso e totalmente renovado auditório da Biblioteca Rudomino, um colóquio do qual participaram diferentes movimentos esotéricos. O tema foram as relações espirituais de todos eles com a Rosacruz. É notável que há exatamente quatrocentos anos J. V. Andreae escrevia *Die Chymische Hochzeit Christiani Rosencreuz anno 1459*.

Nas proximidades de Moscou, após o colóquio e a abertura da exposição, realizou-se a quarta Conferência Internacional de Renovação, da qual participaram aproxi-

Desenho do século XVII representando o "moto contínuo" concebido por Cornelis Drebbel, inventor e alquimista de Alkmaar. À direita: painéis de apresentação do Simpósio "400 anos de Rosacruz, a linguagem de Aquarius" em Renova, Bilthoven, Holanda.



partida foi *O Evangelho de Tomé* e a *Carta a Reginos sobre a ressurreição*, dois escritos gnósticos descobertos em Nag Hammadi, muito importantes para o atual desenvolvimento da humanidade. A primeira alocução abordou os achados de Nag Hammadi como sendo uma "biblioteca gnóstica" e mostrou que os chamados escritos hermético-gnósticos não parecem ter sido unicamente um fenômeno cristão, pois pertencem a todos os tempos e a quase todas as culturas do mundo.

Gnosis quer dizer: conhecimento, compreensão. Não se trata de conhecimento exterior, mas de conhecimento interior, o saber que Deus e o homem não são seres separados, o que foi o tema da segunda alocução. A Gnosis diz respeito à conexão e à relação de semelhança entre o homem, o cosmo e Deus. No versículo 24 do *Evangelho de Tomé* é dito:

*Seus discípulos pediram:
Ilumina-nos
sobre o lugar onde estás;
porque nós o devemos procurar.
Respondeu-lhes ele:
Quem tem ouvidos, ouça!
Há luz dentro de um homem de luz,
e ele ilumina o mundo inteiro.
Se não iluminar, ele é treva.*

A terceira alocução colocou a *Carta a Reginos sobre a ressurreição* no presente, pois a ressurreição não é, como dizem, um acontecimento do passado. Qualquer estudo sobre esse achado extraordinário que são os textos do deserto egípcio não tem nenhum sentido se não encontrar seres humanos que realizem, aqui e agora, a sabedoria que eles contêm.

A linguagem de Aquário

O outono europeu foi marcado pelo signo de Aquário. Em 10 de outubro, no Centro J. van Rijcken-

borgh, e duas semanas depois no seminário em Renova, foram abordados o período vindouro, os planetas dos mistérios e as possibilidades particulares de desenvolvimento interior e crescimento da alma, tão fortemente estimulados pela evolução cósmica. Estiveram em pauta noções astronômicas como a precessão dos equinócios, as fases que marcaram a era de Peixes e as exigências e oportunidades astrofísicas no romper da era de Aquário, e foram apresentadas de modo bastante simples questões difíceis e apaixonantes como essas. As influências dos planetas Urano, Netuno e Plutão atingem a Terra e tornam-se ativas na humanidade. Esses desenvolvimentos foram delineados de modo claro com base nas explicações de Jan van Rijckenborgh.

O Centro J. van Rijckenborgh

Em 14 de novembro de 2004, em Haarlem, durante a conferência de um dia para os Jovens Alunos, alguém perguntou a uma interessada: "Você está vindo pela primeira vez?" "Não, também vim para a conferência de um dia em 10 de outubro", respondeu ela. "E você gostou?" "Sim, é claro. E sei que vocês têm aqui um templo bastante especial. Sabe, assim que entrei nele senti como se tivesse voltado para casa." Após curto silêncio ela retomou: "Logo me mudarei para cá".



Da esquerda para a direita:
1: andaimes no Templo de Noverosa.
2: Perspectiva da abertura de uma lâmpada.
3: Planificação de uma quadra de esportes ao lado do estacionamento do Centro de Noverosa, em Doornspijk.

Na primeira alocução, escrita e proferida por jovens alunos, foi dito: "Todos que aqui estão presentes interessam-se por saber o que é a verdade, o que é verdadeiramente a vida, enquanto outros fazem algo diferente. Muitos procuram motivações de vida. Mas é preciso fazer grandes esforços antes de abordar algo da verdade: é necessário perseverar por longo tempo no mesmo comprimento de onda, com a mesma força. Isso é remar contra a fragmentação que rege nossa vida! Quando se compreende isso, a primeira parcela de verdade já foi encontrada. A primeiríssima.

A próxima pergunta é: como enfrentar a sensação de limitação, de descaminho? Sentimos que deve existir algo mais. É como se você não tivesse ainda sido sacudido o bastante. Você crê, espera, até mesmo sabe que existe algo mais, mas não sabe o que, e acaba se dando conta da própria ignorância. Eis uma verdade: você descobre, mesmo vendo a vida pelo lado bom, que não sabe *nada* a respeito desse 'algo mais'. E isso pode representar uma abertura. Porque há realmente um saber associado a este pensamento: 'O que deveria ser diferente?' O desespero transforma-se em paz serena: 'Se existe algo mais, eu sou uma parte disso'. Nessa paz chega a terceira verdade; e essas três verdades são o começo da Gnosis. Esta palavra significa: 'saber fundamental, ou conhecimento do coração, conhecimento totalmente interior, que apenas se descobre pouco a pouco'."

A segunda alocução ligada a esse tema abordou o aspecto prático do comportamento: "Certamente não é na literatura que se vive o ensinamento da Rosacruz Áurea. Também é importante viver a vida plenamente, com olhar crítico e autodomínio. Dito de outro modo: não se deixe levar pelas ondas e tempestades que

lhe causam a sociedade e o eu. No caos do mundo, você deve encontrar um porto de paz onde a tormenta não possa penetrar. Porque verdadeiramente existe algo mais, que não pertence a esta vida. Mergulhe fundo na existência, porém não dependa dela, mas liberte-se dela cada vez mais".

A conclusão da conferência foi uma citação de J. van Rijckenborgh: "Jovem vida, busque a vida! Se pertences a esta juventude que, apesar de tudo, não pode ser impedida de aspirar a perspectivas luminosas e libertadoras e a uma via concreta que conduz as elas, só falta te libertares, te libertares interiormente de tudo o que as concepções caducas deste mundo consideram como evidente e normal. Trata-se de descobrir incessantemente os valores gerais que se abrem para perspectivas concretas de uma vida verdadeiramente libertadora. Dito de outro modo: encontremos juntos o caminho da verdade vivente!"

Cento e cinquenta pessoas, em cinco grupos, participaram do debate. O texto de encerramento foi um trecho de *O chamado da Fraternidade Rosacruz*:

"Os homens que não falam de si mesmos, que não pedem nada para



si, são extremamente raros.

Não preconizamos e não ensinamos o abandono da consciência-eu, como o oriental que, sentado no meio da maior desordem, pode meditar e partir em busca de sonhos no vazio. Vede o que o cristianismo ensina: perder-se a si mesmo a serviço de todos. 'Quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.' No Ocidente, o cristianismo dá um passo a mais, ensinando-vos que somente podeis ser puros se vosso ambiente for puro, se vosso país for puro, se o mundo for puro. Compreendi bem a ligação do individual com o coletivo, de um homem com todos os homens. Aí está o grande segredo dos mistérios do Ocidente, o grande segredo do cristianismo, o do segundo degrau."

Com a promessa de voltar a encontrar-se numa data determinada (em 18 de junho de 2005), todos regressaram a seus lares.

SEMANA DE TRABALHO DO GRUPO INTERNACIONAL DOS JOVENS ALUNOS

Na Europa, o grupo dos Jovens Alunos participou, em circunstâncias difíceis, da construção e manu-

tenção dos centros de conferências da Escola Espiritual: calor e seca em Dovadola, calor e esgotamento na França, nuvens de mosquitos na Polônia. Mas jamais esteve tão úmido como na última semana do mês de agosto de 2004, quando o grupo, com 270 participantes vindos de 17 países, encontrou-se em Noverosa, o Centro de Conferências da Mocidade na Holanda. Foi feita a manutenção do templo, o chalé foi desmontado até os alicerces, retirado do solo e refeito. Foi necessário cavar as valas a mais de um metro de profundidade para que os novos dutos de gás, por trás do templo, chegassem até ao prédio. Um estacionamento de 600 metros foi planejado segundo as normas. Os telhados dos bangalôs foram renovados e o caminho que leva ao templo recebeu uma nova iluminação. Essas e outras tarefas debaixo de uma chuva que não cessou durante a semana.

No Brasil, no Centro de Conferências de Brasília, Jovens Alunos brasileiros e holandeses participaram de uma produtiva semana de reformas, pinturas e construção de um pequeno jardim com os símbolos da Escola. Os serviços templários ocorreram pela manhã, e à noite houve exibição de criativas peças musicais e teatrais.



UMA CONVERSA

"LUMINOSA"

A: — Faz um tempinho que observo o modo como você está concentrado nas pessoas deste Café, como se elas fossem obras de arte únicas.

B: — Você tem razão. Estou observando com atenção. E percebo que os seres humanos são obras de arte únicas, porém falta muito ainda para que estejam totalmente concluídas.

A: — Obras mal sucedidas?

B: — Sim, vejo em cada um deles uma imagem, uma idéia. Isso nem sempre é evidente, mas podemos dizer que cada um representa uma imagem exata da natureza, do espírito, do homem perfeito. Contudo, é preciso admitir que a maior parte deles reduziu esse modelo a uma caricatura na qual já não é possível reconhecer a imagem que se encontra na base da obra de arte.

A: — O que você quer dizer?

B: — Tomemos, por exemplo, aquela senhora ali do outro lado. Dela emana uma tristeza indefinível, um certo tédio. Ela dá a impressão de ter sido enganada pela vida. Será que percebe que existe, oculta dentro dela mesma, uma outra realidade? Ou talvez essa outra realidade não esteja ainda totalmente evidente para ela; ou ela ainda não esteja plenamente consciente disso.

A: — Mas que realidade é essa? No início você falou de uma imagem que, para você, seria a imagem do homem perfeito.

B: — Sim, para mim o ser humano é um ser espiritual. Ele tem suas raízes

em um mundo espiritual e, portanto, a meu ver, ele tem a feliz oportunidade de poder trazer esse mundo à manifestação, e agir de acordo com ele... Mas o homem tem preocupações absolutamente diferentes. Ele não busca senão sua própria realização, a realização de seus desejos e de suas idéias. E nesse sentido ele é estimulado por seu meio ambiente. Assim, ele constrói uma personalidade que racha seus esforços e isso, portanto, reprime sua vocação para a perfeição.

A: — Não estou compreendendo totalmente.

B: — De acordo com um antigo mito, o homem é um "pensamento divino". Ele traria consigo a reprodução imortal desse pensamento. No decorrer de sua evolução, ele se desviou da enorme possibilidade de construir uma personalidade imortal que manifestaria essa idéia dotada de atributos divinos.

A: — Ah, sim! Agora compreendo.

B: — O homem estragou seu desenvolvimento — que não depende senão de sua orientação interior — em conformidade com a lei espiritual. Ele construiu sua personalidade depressa demais. Assim, o contato com a imagem original foi perdido; e sua obra de arte, sua personalidade, tornou-se uma caricatura.

A: — Se entendi direito, é como se um artista, em vez de seguir sua inspiração, procurasse satisfazer os outros para poder ganhar muito dinheiro. Essa é a confusão!

B: — Mais ou menos. E essa perso-

nalidade desnaturada, que já não se alimenta das energias originais, nada tem de divino. O homem morre porque se tornou mortal, e não obstante existe essa idéia divina. É preciso, pois, que apareça um novo homem, uma nova personalidade, e então será possível que se manifeste uma nova personalidade que seja a expressão dessa idéia. O artista perdeu o controle de sua criação; sua obra escapuliu e se tornou independente para cair num circuito absurdo de nascimentos e de mortes não intencionado, até que a idéia criadora original de novo a penetre.

A: — Sim, tudo bem. Mas será que somos mesmo essas marionetes?

B: — Você acha normal que existam guerras, doenças, que fiquemos velhos e morramos? Tudo isso existe porque o homem ignora sua verdadeira essência.

A: — Como retornar à fonte da criação? É possível encontrar de novo a idéia criadora original?

B: — Para o artista, é possível aprender a encontrar a ligação com a intuição. Como ser humano é possível aprender a encontrar a ligação com o plano interior original. A consequência é um novo homem, que pertence ao campo de criação original.

A: — É uma bela imagem, essa. Assim, cada vida seria um elo de uma cadeia infinita. Cada ser seria autônomo, teria sua própria meta para realizar e não se deixaria guiar por nada nem por ninguém.

B: — É uma tarefa pesada que cabe a ele, de acordo com o destino da hu-

manidade. Mas foi-lhe dito que se não começá-la, ele jamais conseguirá quebrar o círculo.

A: — Essa tarefa ainda pode ser bem administrada? Porque, se entendi direito, a situação está ruim. Parece que o artista se esqueceu completamente de sua imagem divina no decorrer do tempo.

B: — Sempre é possível fazer algo. Enquanto viver, ele carregará consigo o modelo do homem perfeito imortal, e ainda poderá se decidir a agir.

A: — Por onde começar?

B: — Em primeiro lugar é necessário um *insight* (visão e compreensão interior) de sua própria situação. Quero dizer: *insight* daquilo que o move; então, quando você tem esse *insight*, a essência divina pode ter espaço para se desenvolver.

A: — Você acha que isso pode se aplicar à senhora ali em frente?

B: — Sim. Isso é válido para todo mundo. Creio que qualquer um pode decidir-se a dar início a isso, desde que tenha o *insight* da situação. Mas você não pode fazer isso por conta própria. Esse *insight* deve fazer parte de você. Para isso é necessário buscar, ler, discutir com outras pessoas, para conseguir ver, pouco a pouco, as peças do quebra-cabeça se ajustarem.

A: — Por que você não vai até aquela senhora para explicar-lhe tudo isso?

B: — Não, impossível. É preciso que o impulso venha da própria pessoa. Quando ela estiver preparada, ela mesma fará as perguntas, buscará e achará, pois não é verdade que ela traz em si mesma a resposta?

A LANÇA DE LUZ

Uma alocução para os alunos do Lectorium Rosicrucianum

Por que somos rosacruz? Cada qual tem suas razões, mas apesar das diferenças de motivação, o que temos em comum? O que nos une?

Em primeiro lugar, partilhamos todos uma inquietude, um sentimento de irrealização, de que esta não é a vida que deveríamos viver. Somos todos buscadores natos, porém os caminhos de pesquisa são múltiplos: religião, misticismo, ocultismo, filosofia, arte, ciência, estudo de antigas sabedorias, simbolismo, mitologia, lendas, astrologia, filantropia. É o "encontrar" continua distante. A confusão e a nostalgia permanecem.

Hoje, por fim, encontramos. Mas a pergunta é: o que exatamente encontramos?

Isso começou com um impacto de reconhecimento, um golpe recebido por meio de uma palavra, uma leitura, um acontecimento. Um súbito *insight* das coisas e da meta humana nos encheu de alegria, mas também nos mergulhou no sofrimento.

Alegria porque vivenciamos a descoberta de que existe algo bem maior que nós e nossa existência comum. Sofrimento por saber intuitivamente que, doravante, tudo será diferente; que um adeus se impõe, uma partida sem retorno.

Algumas pessoas acolhem de coração aberto essa nova vida; outras, embora a reconheçam, recusam-na.

Em segundo lugar, participamos do fato de que nossa vida está submetida a um toque de natureza não-humana, algo da ordem da Luz. Por um momento, o torpor da ignorân-

cia cessa. Uma pálpebra se ergue, e então vemos, e também ouvimos um novo som.

O CHAMADO DO REINO LONGÍNQUO

O chamado que soa é maravilhoso e ao mesmo tempo inquietante. Talvez pensemos que a Escola Espiritual seja o próprio chamado, mas na realidade ela é tão-somente o intérprete. Então, aflora a idéia de nos fecharmos a um chamado que poderia vir do exterior. Então torna-se claro que o chamado vem do interior, ressonância misteriosa, como na lenda da "Princesa e o grão de ervilha", na qual, não obstante a espessura dos colchões sobrepostos, a jovem não conseguia dormir por causa de um grão de ervilha colocado debaixo deles. Ela suspira pelo beijo do príncipe desconhecido, a quem se sabe autenticamente unida. Essa é a experiência que fazemos.

Não é possível explicar essas coisas a uma pessoa que não conheça essa experiência. É preciso ser traspassado pela *lança de Luz* para poder compreender do que se trata. A lança de Luz toca o buscador quando ele cai de joelhos. E todos que são tocados participam, no mesmo instante, do mesmo destino: eles trazem uma ferida que não cicatrizará.

A missão dos fundadores da Escola Espiritual não foi satisfazer as pessoas nem tampouco agradar. Não; eles expuseram, impessoalmente, em plena luz e a despeito de todos, esse ferimento em nome da Luz. Eles tinham de fazer isso, pois o momento havia



Miguel vence o dragão com a lança. Imagem copta encontrada no Egito, ca. século 2 d.C.

chegado. Na Luz o ser humano descobre de início sua própria malignidade. Quão forte, às vezes, é a resistência que oferecemos ao auxílio que, nos momentos mais sombrios, imploramos tão apaixonadamente! E agora a oração é atendida.

Não é freqüente acontecer de uma pessoa pedir muito por auxílio e acabar por rejeitá-lo? Sabe-se subconscientemente que essa ajuda não é destinada ao eu, mas a uma realidade mais elevada que reside no ser humano e que, contudo, não lhe per-

tence, uma realidade da qual é portador, mas da qual ele não pode se apropriar e nem controlar. Muitas vezes ele se engaja numa luta precisamente contra o Amor que vem para libertá-lo da miséria, da dor e do sofrimento.

Todos os buscadores tendem a essa libertação; ela é sua aspiração mais elevada. Mas, o que deve ser libertado? E o que deve ser suprimido e vencido? É possível que uma pessoa se revolte durante um longo tempo até chegar o momento em que



a resistência deve cessar. Ela se vê num beco sem saída e se torna claro para sua consciência que "não nós, Senhor, mas Tu és a meta de nosso coração". Então, o buscador fatigado é conduzido às portas de uma Escola Espiritual, perguntando-se o que o futuro lhe reserva.

AS DUAS FUNÇÕES DA ESCOLA ESPIRITUAL

Todos os interessados são bem-vindos e a radiação infravermelha aquece os corações. Eles se impacientam querendo saber quando começará a iniciação que os instruirá nos maravilhosos segredos dos Mistérios. Passam-se dias e semanas, os meses se sucedem. Aparentemente, nada muda, e acaba-se cedendo à resignação e ao arrefecimento. Contudo, a intensa graça do campo de força está atuante, embora ele nem sequer seja perceptível.

Alguns são vencidos por uma certa impaciência e perdem o entusiasmo do início. Sua curiosidade e sua atenção são atraídas pelas ofertas barulhentas dos camelôs da grande feira do mundo. Talvez aqui ou ali seja possível obter-se um resultado mais rápido. E toda vez que um

aluno deixa a Escola, é uma decepção para os obreiros.

E eles se perguntam: será que o acompanhamento correto foi dado? Esse tipo de pergunta é justificado. Mas todo o possível foi feito, e o acompanhamento ideal, que os obreiros não poderiam poupar a nenhum aluno, é a prova do desmascaramento. Não o desmascaramento para outrem, mas para o trabalho da Luz! Pois imediatamente após ter sido beneficiado pelo calor da radiação infravermelha, o aluno é tocado pela radiação ultravioleta, a radiação demolidora. A compreensão progride, o desejo se refina. A partir de agora, na maioria das confrontações da vida comum com sócios, com membros da família, com colegas, ele confrontará... a si mesmo.

Incessantemente ele terá de fazer escolhas difíceis a fim de permanecer coerente com o caminho, sem jamais saber para que lado a balança vai pender. Por melhor que seja o acompanhamento, os obreiros não podem impedir que os alunos se decidam por abandonar a Escola Espiritual em um momento ou em outro.

Nossa presença no campo de força torna impossível simplesmente con-

Iluminura em um manuscrito flamengo do século XIV representando a "távola redonda" sobre a qual estão colocados o Graal, de onde se eleva a criança divina, e a lança que fere o rei e em seguida cura-o.

tentar-nos com uma assimilação intelectual do Ensino, pois ele deve ser posto em prática, o que significa não só receber, mas também dar. Trata-se de muito mais que uma contribuição financeira, por mais necessária que esta seja, pois o essencial é doar a si mesmo.

O ÚNICO MEIO DE CONVENCER: UM NOVO COMPORTAMENTO

O que testifica de nosso discipulado é uma vida marcada por atos libertadores, uma mudança radical e a total doação de si mesmo. Mais que palavras, é o ato silencioso realizado com amor e discrição que tem valor. Os buscadores tocados pela Escola Espiritual não esperam apenas uma filosofia. Eles querem encontrar pessoas que dêem provas manifestas de que vivem um ensinamento libertador, pois este é um encontro que abrirá seus olhos; apenas isto é convincente.

Certa vez J. van Rijckenborgh disse: "É necessário perturbá-los com fatos!". Com isso ele queria dizer: não vos contenteis em *falar* de um estado renovado, mas irradiai esse estado, *deixai que vejam*. Não temos de tentar persuadir, mas sim dar testemunho mediante nosso comportamento. Não com demonstrações de erudição, mas com uma palavra simples que vá direto ao coração.

Ora, não é fácil, de início, compreender em que consiste um comportamento nascido de um estado de consciência renovado. Não é preciso dizer que isso implica, entre outras coisas, amizade, boa vontade, delicadeza, atenção para com os outros. É possível, contudo, demonstrar tais qualidades mesmo quando o foco do ego, atrás do osso frontal, ainda não perdeu sua força. A civilidade e a gentileza em sociedade não são o que a Escola Espiritual visa por "novo comportamen-

to". Isso é algo completamente diferente e muito mais profundo.

Este nosso mundo de oposições é o produto de doze esferas de influência que a filosofia da Escola globalmente denomina "dialética". São doze esferas que correspondem aos doze signos do zodíaco. J. van Rijckenborgh os chama de "doze eões zodiacais". Neste sentido, podemos falar de uma "dominação eônica" duodécupla ou ainda de "prisão zodiacal". Essa força eônica se projeta no microcosmo sob a forma de um firmamento aural duodécuplo, denominado *lípica*. Por sua vez o ser aural ou "ser da *lípica*" projeta-se no cérebro.

Somos os primeiros a reconhecer que o ser humano é capaz de demonstrar grande amizade, cordialidade, civilidade, mas isso não modifica em nada a força do deus duodécuplo do cérebro, regido pelo campo aural, que está sujeito aos doze eões do zodíaco.

Este estado é designado como sendo "pecado", não porque o homem seja mau ou perverso, mas sim porque enquanto manifestação temporal, ele é literalmente manipulado como uma marionete na ilusão eônica. Fizem-nos engolir essa ilusão em pequenas doses desde nosso nascimento. Mais ainda, enquanto fenômenos naturais, somos nascidos dela. Por isso é dito no hino templário 161:

*Eis que ainda estamos na terra,
anelando renascer.
Dentre todos os pecados
a ilusão é o maior.*

Em outras palavras, a ilusão, a dialética, está incorporada em nossa vida como o fermento à massa. Com exceção do átomo-centelha do Espírito, a rosa-do-coração, não existe um só órgão, uma única célula de nosso corpo que esteja isenta da dia-



O CAMPO DE FORÇA ABARCA E A FILOSOFIA ESCLARECE O PROCESSO

O novo comportamento significa abrir a porta, liberar o acesso a esse totalmente outro, deixar esse novo e estranho processo de fermentação operar em nós, apesar da angústia e do sofrimento que ele gera; apesar do sentimento de nos tornarmos estrangeiros no mundo e a seus hábitos. Que zombarias e insultos não é preciso suportar! Que opressão não devemos sofrer por amor a Cristo, até dizer, a exemplo de Paulo: "Porque para mim, o viver é Cristo, e o morrer é ganho."²

Esse processo só pode ser reconhecido quando ele tem início em nosso interior. A filosofia da Escola Espiritual não deixa qualquer dúvida a esse respeito: somos arrastados a um desenvolvimento radical.

Mas o aluno nem sempre discerne em que momento esse processo aflitivo tem início. Ele tende, então, a alegações do tipo: "Não me compreendem"; "Minha caminhada é obstaculizada"; "As circunstâncias estão contra mim"; "Se tão-somente eu pudesse me livrar deste ou daquele obstáculo"; "A Escola não está aí para tudo?"

O que importa é dar um fim a auto-piedade e lamentações, reconhecer o processo e a ele nos submetermos. Nisto não somos abandonados a nós mesmos: A Escola Espiritual circunda a alma combatente com seu campo de força e seu auxílio, e seu ensinamento esclarece o processo.

Gradualmente novas capacidades se manifestam no homem; esse é o potencial que temos em comum e que nos une: o processo elimina individual e coletivamente nossas limitações e fraquezas e nos eleva até as alturas mencionadas no Livro do Apocalipse³:

E vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem; e por

lética. Quando cessa a ilusão, um outro processo de fermentação opera em nós. Somos impregnados por um outro fermento, a começar pelo sangue. Esse novo fermento é designado "o prana da nova aliança" ou ainda "o sangue místico de Cristo".

Trata-se de um processo tremendo. Mas o importante é que ele tenha início em nós; que não deixemos para mais tarde ou tentemos nos esquivar dele, tal como o fizeram os convidados à "grande ceia" do Evangelho de Lucas¹, um sob o pretexto de casar-se, outro sob o pretexto de enterrar seu pai, e ainda um terceiro sob o pretexto de lavar seu campo.

O reino dos céus, como zodíaco original, nova constelação aural e santuário da cabeça renovado, bate à porta de nosso coração.

Mão alada brandindo uma espada nua. Baixo-relevo sobre a porta da cidade de Medina, Malta. Pentagrama.

O QUE A ESCOLA ESPIRITUAL ENTENDE POR:

Campo aural ou lípica

É a totalidade dos centros sensoriais, dos centros de força e focos nos quais todo o carma do homem se encontra consolidado. A manifestação humana é uma projeção do firmamento aural, que determina suas capacidades, suas limitações e sua realização natural. O ser aural é a personificação de todo o "fardo de pecados" (expressão da antiga Igreja) do microcosmo decaído. É o "velho céu" microcósmico que, graças a uma total transformação conduzida pela Gnosis, deve desaparecer e ser substituído por um "novo céu" acompanhado de uma "nova terra" e da ressurreição do verdadeiro homem em quem espírito, alma e corpo formam uma unidade harmoniosa imperecível, em sintonia com o plano divino.

Eões

São formações imensas de forças naturais, invisíveis, porém tangíveis, criadas no decorrer dos tempos pelos homens (inicialmente de forma inconsciente). Os eões exercem agora uma influência coercitiva sobre a existência humana. Como a

autoconservação se tornou a principal característica da humanidade natural, os eões, dos quais há doze, também têm como característica negativa que sua principal motivação é uma forma de autoconservação.

Juntos formaram, no decorrer dos tempos, um grupo hierárquico que reina sobre os domínios do espaço-tempo. À custa de enorme sofrimento humano, as entidades eônicas mais poderosas conseguem com relação à roda dos nascimentos, uma pseudo-liberdade – uma paralisação ou um retardamento da dissolução de sua personalidade na esfera refletora – uma existência que elas somente podem preservar com o aumento do sofrimento da humanidade, pois alimentam-se de éteres liberados pela violência da dor ou pelo seu oposto, a alegria intensa.

Gnosis

É o alento divino; o Logos, a fonte de todas as coisas, manifestando-se como Espírito, Luz, Amor, Força e Sabedoria universal. Ela designa também a Fraternidade Universal como veículo e manifestação do campo de radiação crística.

Gnosis, enfim, representa o conhecimento vivo de Deus, que se torna parte de todos que alcançam a consciência da alma-luz.

O que a Escola Espiritual entende por...

cima da sua cabeça estava o arco celeste, e o rosto era como o sol, e os pés como colunas de fogo; e tinha na mão um livrinho aberto e pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra; e clamou com grande voz, como quando brama o leão; e havendo clamado, os sete trovões fizeram soar suas vozes. E, sendo ouvidas dos sete trovões as suas vozes, eu ia escrevê-las, mas ouvi uma voz do céu, que dizia: "Sela o que os sete trovões falaram e não o escrevas". E

o anjo que vi estar sobre o mar e sobre a terra levantou a mão ao céu e jurou por aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora, mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o mistério de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos.

E a voz que eu do céu tinha ouvido tornou a falar comigo e disse:

"Vai e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra". E fui ao anjo dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: "Toma-o e come-o, e ele te fará amargo o ventre, mas na tua boca será doce como o mel". E tomei o livrinho da mão do anjo e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo. E ele me disse: "Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis."

O AUXÍLIO DA FRATERNIDADE

Em todos os tempos, os sublimes auxiliares da Gnosis, os servidores da Fraternidade, têm descido das esferas de Luz até a humanidade sofredora a fim de reconduzi-la aos caminhos divinos. Diz-se que um anjo, um dos poderosos, um dos libertos, desceu do novo campo de vida. Seu brilho solar é velado por uma nuvem para que sua radiação possa ser suportada pelos mortais que povoam a terra. No passado, foi um homem como nós. Porém, permaneceu no ardor purificador do fogo: suas pernas são como colunas de fogo.

Ele se tornou um filho da Luz. Seu rosto brilha como o sol e o adorno de flamas ao redor de sua cabeça revela o espírito sétuplo que opera nas suas sete cavidades cerebrais. O candelabro de sete braços está aceso. A energia de seu misterioso poder emana dele e fende, com a força do leão, o "vale de lágrimas". Os sete sons originais da Palavra perdida ressoam através de sua voz, à semelhança de trovões nos domínios da noite, despertando os mortais: eles vêem o mensageiro que segura o Livro aberto e que, mediante um gesto, difunde o Ensino. Seus pés estão pousados um sobre a terra e outro sobre o mar, pois ele tem o domínio das esferas material e refle-

tora. "E as sete vozes falam."

O primeiro reflexo do homem nascido da natureza é o de sempre querer escrever, fixar o Ensino em palavras, escrever livros. Mas a voz do outro reino faz uma advertência: Não faças isso! Guarda em segredo a mensagem; assimila-a; realiza-a em ti; "toma o Livro e devora-o".

Nossos primeiros passos no caminho são dados em relativa calma. Sentimos uma certa alegria que dá às nossas palavras uma certa suavidade. Mas quando o processo de assimilação do Ensino tem início e passamos à realização, surgem dificuldades e oposições: estamos diante do conflito. O Livro se torna amargo em nosso ventre. O adversário, o ser astral, tem de perder o seu domínio; o deus do santuário pélvico deve ser destronado. A vitória é conquistada apenas a esse preço. Uma vez libertos, seremos também capazes de ajudar na libertação de outros. Este é o ideal que nos une e para o qual estamos prontos a verter o sangue de nosso coração. É isto que nos torna rosacruz.

A Direção Espiritual Internacional

1: Evangelho de Lucas 14:18-20.

2: Epístola de Paulo aos Filipenses 1:21.

3: Apocalipse de João 10:1-11.



DIÁLOGO ENTRE A LUZ E A MATÉRIA



Luz: — Tens sob o domínio de tuas aparências multiformes os seres humanos que me pertencem.

Matéria: — Tu te enganas. Eu não retenho nada. São eles que se agarram fortemente. Eles me desejam e se apegam muito a mim. É que, como tu vês, eles amam mais a mim que a ti.

Luz: — Tu te enganas, sombra. Nas diversas formas que tomas, é a mim que eles buscam e desejam. E porque tu os cegas e os obscureces, eles não percebem sua essência. Sua essência é luz, assim como a minha é luz.

Matéria: — Se fosse como dizes, por que, então, se agarrariam eles tanto a mim, vivendo de mim e através de mim? Por que teriam eles criado o seu próprio mundo? Sim, eles são seres criadores. Não foi sempre essa a tua vontade?

Luz: — Eu queria que eles espalhassem minha luz, minha criação. Porém, eles criaram a aparência, a escuridão, na qual se perdem e permanecem cativos. E tu és essa escuridão!

Matéria: — Tu me chamas, pois, "escuridão"?

Luz: — Sim. Tuas formas são, de fato, ilusórias. Tu mesma és engano. Não deixas entrar a luz; estás fora da verdade e, por conseguinte, és irreal.

Matéria: — Eu me sinto, contudo, muito real. O fato de estarmos conversando já mostra isso.

Luz: — Tuas inúmeras aparências mantêm o mundo. Porém ele é um mundo de sombras. Tu apenas existes graças à "ausência de luz".

Matéria: — Então, concede-me aquilo a que aspiro. Deixa que eu seja luz!

Luz: — Tu eras o Universo. Foi justamente esse pensamento, matéria, que causou teu vir-a-ser, teu surgimento.

Matéria: — Por que, então, me privas de tua luz? Não sabes, apesar de tudo, que este é meu maior desejo?

Luz: — Naturalmente.

Matéria: — Por que não realizas, então, o meu desejo? Quero ser como tu; luz!

Luz: — Nas trevas, a chama de uma vela é bastante útil. Então, por que querer ser a chama de uma vela entre os raios do sol? Quem a acenderá? Sonhas muito alto, compreendes?

Matéria: — Mas eu quero fazer parte do sol!

Luz: — O sol já existe. Por que não aceitas simplesmente as possibilidades que se encontram a teu alcance? O que queres, pois, conseguir? Torna-te parte do todo – então permanecerás na luz e estarás ligada a tudo. Abandona tua vontade própria!

Matéria: — Mas eu sou vontade própria. Não me disseste isso tantas vezes? Pode a vontade própria entregar a própria vontade?

Luz: — Existe um caminho, e tu o conheces... Já falamos dele muitas vezes.

Matéria: — Pode haver outro caminho.

Luz: — Tu o buscas há milhões de anos.

Matéria: — Eu o encontrarei.

Luz: — Ele não existe. Sabes muito bem que existe apenas um caminho. Crê em mim. Entrega-te a mim. Renuncia à aparência e à forma. Então te encontrarás na luz. Porém, nunca algo pode ser a luz.

Matéria: — Mas tu mesma és a luz!

Luz: — Sou tudo em todos e, não

A natureza jamais poderá vencer o Espírito, ela se abisma sobre a estática imperturbável. Mas se ela conhecer o caminho para se oferecer ao Espírito, a nova senda se elevará sobre ela como uma aurora. Pentagrama.

obstante, não sou. Quando já "não" fores, então tudo serás.

Matéria: — Mas como se pode "não" ser?

Luz: — Eu já te disse. Nada forces. Renuncia a ti mesma e confia-te a mim. Somente então poderei contribuir para a tua libertação.

Matéria: — Mas, se eu fizer isso, eu não existirei mais e me tornarei nada!

Luz: — Escuta. A gota de água que cai no oceano deixa de ser uma gota. Ela se torna muito mais que uma gota! Chamar isso de morte não é um engano? Se lebares em conta que a gota se torna infinita, que ela é envolvida pelo oceano... Ela somente perde sua condição de gota. E ao mar, à união de todas as gotas, à plenitude, tu chamarias "nada"?

Matéria: — Tenho medo.

Luz: — De quê?

Matéria: — De não ser, de nada ser.

Luz: — Mas se te confias a mim, se te fundes em mim, então tu te tornas "tudo".

Matéria: — Bem. Admitamos que seja assim como dizes. Se assim fosse, entretanto, eu não poderia desaparecer simplesmente, mesmo que quisesse. São as formas das quais sou composta que me fazem desaparecer. Não fales, então contra elas e nem contra mim!

Luz: — Quando falo contigo, eu me dirijo também a elas, pois as criaturas e tu são um só.

Matéria: — Antes, tu disseste que elas são tuas. E agora garantes que são minhas. Tu te contradizes!

Luz: — O fruto provém da semente.

Matéria: — Está correto. Então achas que a semente provém de ti, que a casca provém de mim e com ela eu

posso ficar, não é?

Luz: — Eu amo o fruto inteiro; não apenas a semente ou a casca. Embora a polpa seja corruptível, ainda assim eu não separo a semente e o fruto.

Matéria: — Queres, então, me privar de tudo? Queres para ti o fruto inteiro e a mim também? Confessa.

Luz: — Sim, eu envolvo todas as partes do fruto. Mas não para destruí-las. Não esqueças que minha semente é amor. Os frutos, entretanto, se transformam. Eles se transformam nos frutos da árvore da vida que está no centro. É lá que eu espero que venhas. Então, seremos unas.

Matéria: Vou refletir sobre isso.

Luz: Eu sei. Vou esperar.



Não podes brincar com o animal interior sem te tornares o próprio animal, brincar com a mentira sem perderes o direito à verdade, brincar com a crueldade sem perderes a suavidade do coração. Quem quer ter um jardim bonito não reserva lugar para ervas daninhas.

Dag Hammarskjöld em "Merkestenen" (Balizas)



PELA PORTA "ABERTA"!

A obra de Johannes Anker Larsen

O autor dinamarquês Johannes Anker Larsen (1874-1957), cujo trabalho foi traduzido para muitas línguas, descreve idéias que encontramos também nos conceitos da Rosacruz moderna e que podem ser encontrados igualmente na obra do místico Jacob Boehme, do século XVII. Esses conceitos têm validade universal, pois são "herança" da humanidade.

Quem foi aquele que escarneceu da teoria da evolução chamando-a de "sufocante"? Que em seus romances falava do mundo "aberto" e "fechado", "do ponto e da curva"? Quem era esse escritor dinamarquês da primeira metade do século passado que dizia que a vida do homem deste mundo era como usar roupas no avesso ou caminhar sobre as mãos, ao invés do contrário?

Sem dúvida, Larsen pertence à lista dos escritores modernos cujos livros

são muito lidos no mundo. Seus romances como *Der Stein der Weisen* (A pedra filosofal), *Martha und Maria* (Marta e Maria), e *Rausch* (Embriaguês) são filosóficos e religiosos e tornaram Larsen conhecido além das fronteiras de seu país. Muitos conhecem sua autobiografia, *Bei offener Tür* (Pela porta aberta), escrita na terceira pessoa:

"Era uma vez um jovem camponês de Langeland. Ele queria ser pastor, mas não o foi. Antes, ele desejara ser ator, mas não o foi. A rigor, ele bem que teria sido um poeta, mas também não o foi. Ele jamais teria desejado ser diretor, mas foi isso que ele se tornou. Contudo, ele se livrou disso. Durante um longo tempo ele se sentiu entediado no mundo terrestre. Mesmo quando tudo corria bem, ele nunca se sentia verdadeiramente em casa. Permanecia um imigrante provindo de

Dag Hammarskjöld (1905-1961) foi o segundo presidente das Nações Unidas, de 1953 a 1961. Em seus cadernos pessoais ele escreveu: "A mais longa viagem é aquela para o interior".

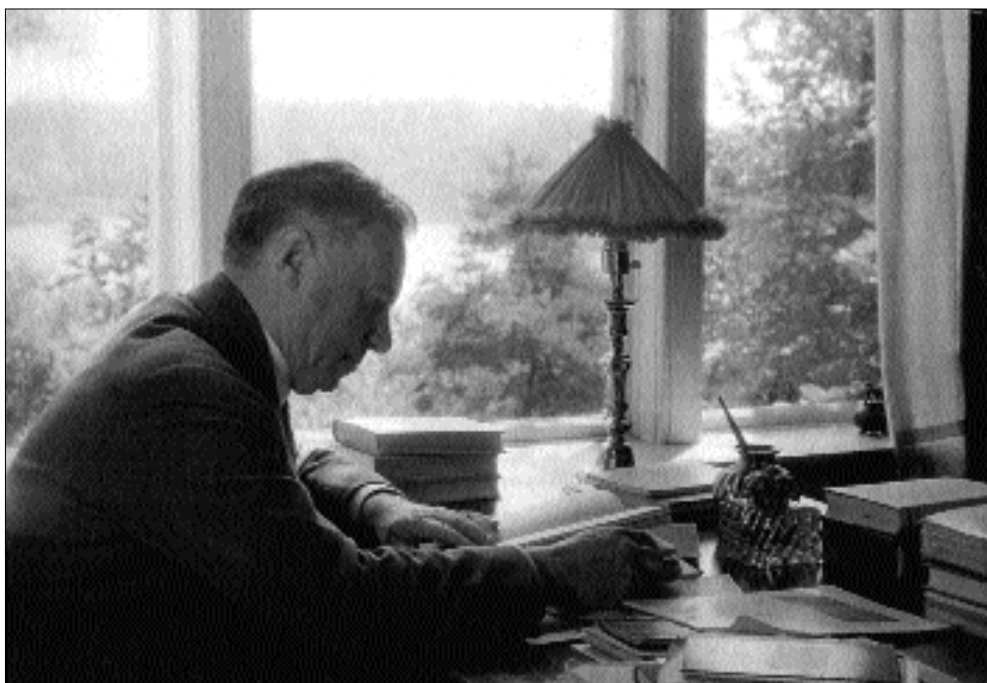
uma outra "vida", da qual estava tranquilamente consciente, e na qual se sentia perfeitamente à vontade. Cheio de esperança, ele aguardava o momento em que não teria mais necessidade de se esforçar para ser outra coisa senão aquilo que sempre fora."¹

Larsen se considerava um membro da "desgarrada família dos exploradores da eternidade". A citação a seguir nos mostra que ele não amava a palavrinha "eu". Em sua autobiografia espiritual, *Pela porta aberta*, ele diz francamente: "Nunca vi o homem tornar-se tão avarento como quando usa a palavrinha 'eu'." Desde a juventude ele tinha o sentimento profundo da eternidade. Ele a experimentava como uma realidade presente "dentro dele" e ao mesmo tempo ao seu redor. De tempos em tempos, acontecia de a eternidade demonstrar-se nele como um sol tão bom e profundo que ele se esquecia de que existia um outro mundo à sua volta.

Seus romances apresentam uma tendência claramente gnóstica. Como um sopro benfazejo, a idéia da existência de dois mundos percorre os

seus contos cintilantes de vida. Neles descobre-se o grande interesse com que Larsen propaga o ensinamento das "duas ordens de natureza", que ele designa como "o aberto" e "o fechado", magnificamente ilustrado num fragmento de seu último romance intitulado *Hansen*, cuja semelhança com as concepções de Jacob Boehme é notável.

"O velho professor Hansen, após longo e fatigante passeio estival, cai adormecido e, ao despertar, descobre que se encontra em um mundo claro e puro. Em dado momento, ele pronuncia o 'Pai Nosso' e se pergunta o que poderia significar: 'Seja feita a tua vontade'. Ele reflete sobre certas respostas, sem chegar a nenhuma conclusão. E permanece em um estado de questionamento, privado do todo pensar. Então, algo lhe acontece: ele vê uma imagem surgir. Ele sabe que essa visão não passa de uma imagem, entretanto compreende que ela oculta uma profunda realidade. Isto se passa do seguinte modo: ele vê um sol vivente, símbolo da eternidade, a luz que brilha nas trevas. Essas trevas se



J. Anker Larsen
(1874-1957).

O romance Heiligung (Santificação), edição do início do século XX e a novela Der Bruder (O irmão), edição do início do século XXI.



estendem por toda parte onde os raios da luz não chegam. Ele compreende que ao mesmo tempo essas trevas não têm uma existência real e são tão-somente uma resistência à luz! Sim, ele vê isso claramente: essa oposição à luz criou o mundo tenebroso, a morada do gênero humano, um mundo fechado, em realidade, uma prisão. E é isso que Hansen compreende dessa imagem."²

Jacob Boehme diz a mesma coisa de uma outra maneira em *Aurora*. Está claro que ambos tiveram a mesma visão. Boehme escreveu em 1612: "A inteira casa deste mundo, constituída de substância visível e tangível, é a antiga casa de Deus ou o antigo corpo que, antes do tempo da cólera, esteve na claridade celeste. Mas quando o demônio despertou a cólera nesta casa, ela tornou-se a casa da cólera e da morte."³ Desde então, as ondas da cólera se opõem à mansidão e as ondas da mansidão se opõem à cólera. Elas formam dois reinos diferentes no mesmo corpo do mundo.

Um pouco mais adiante, ele escreve: "Agora, quando contempas as

estrelas e o espaço, assim como a terra, vês com teus olhos corporais apenas o antigo corpo que jaz na morte."⁴ O nascimento exterior neste mundo da morte não pode compreender o nascimento no mundo celeste. Esses mundos estão um diante do outro assim como a vida diante da morte, como um homem diante de uma pedra. Ora, há uma fechadura entre o céu superior divino e nosso mundo da cólera onde reina a morte. Portanto, estando aferrolhada essa fechadura, surge um abismo entre esses dois mundos.

Em nossa época, Jan van Rijckenborgh explica o mesmo princípio dos dois mundos opostos e separados em *O advento do novo homem*: "Toda entidade que se desenvolve dentro do setenário cósmico, está estreitamente ligada à fórmula fundamental de vida deste planeta. Quem de alguma forma se opõe a essa lei de vida fundamental, produz uma vibração que suscita resistência imediata por parte das forças naturais fundamentais. Como que de modo automático, essas forças naturais emitem uma corrente eletromagnética que envolve e prende a en-



Anker Larsen em sua casa, na Dinamarca.

melhor, percebe que são seres humanos como ele, mas que pouco se distinguem do fogo vivente. Esse fogo vivente irradia através deles, tudo neles se torna visível e nada podem esconder. Hansen interroga o irmão do Graal que lhe explica que esses homens atiraram ao fogo os velhos andrajos: idéias e ações que lhes pertenceram e com as quais já não queriam ter nada a ver. Eles as arremesaram às chamas para que queimassem e fossem aniquiladas. Esse oceano de fogo é o "todo amor", por trás do qual se encontra a "vida".

Aquilo que habitualmente denominamos vida é na realidade um processo de nascimento progressivo através da experiência da dor e da alegria. É, portanto, um caminho de experiências. O próprio Hansen deve aí permanecer por algum tempo, de acordo com seu guia. Após ter meditado sobre seus pensamentos e seus atos, ele nota que estes o deixam frio, ainda que outrora ele tivesse sentido remorso e pesar. "Esses são os velhos andrajos," diz o irmão do Graal.

Hansen declara que jamais passou pelo fogo do "todo amor". O irmão sugere que ele possui algo desse fogo em si mesmo. "Disto eu nada sei," responde Hansen, ao que o irmão retruca: "Quanto menos se tem consciência disso, mais esse fogo age puramente. Deixa tranquilamente que esses velhos trapos se consumam e que o vento disperse suas cinzas. Isto é o que se chama "remissão dos pecados".

"O perdão dos pecados!" exclama Hansen. Essas palavras o surpreendem de modo extraordinário. Elas percorrem todo o seu ser, iluminam sua alma e seu corpo, têm o efeito de um bebida libertadora, como se contivessem uma força vivente.

No romance de Larsen, esse conto se intitula *Der Bruder* (O irmão), e ocorre na natureza superior. Penetrado por esse acontecimento, ele descobre, no fundo de seu ser, "algo" de

tidade rebelde a fim de que ela já não possa ter iniciativa nem viole a lei. Assim, ela é mantida em um 'todo isolado', para ficar protegida de si mesma."⁵

Ao refletirmos sobre isso, reconhecemos a verdade das palavras de Jacob Boehme quando diz que Deus fez de nosso campo de existência um todo isolado, onde a humanidade decaída não cessará de girar em um incessante "subir, brilhar e descer" até o dia de sua própria libertação.

Quando esse dia chega para qualquer criatura – como aconteceu a Hansen – e ela se abre ao "acontecimento divino", nela tem início um processo de purificação que podemos definir como "a remissão, e o perdão dos pecados".

Quando Hansen sente que pertence a um outro campo de vida, um irmão do Graal lhe aparece, e ambos se dirigem para o oriente, ali onde a luz do novo dia se torna cada vez mais forte. De repente um novo sol enche o espaço diante deles: uma luz vivente, uma luz áurea flamejante. Hansen vê algo mover-se diante de si. Olhando

superior que estava latente. Esse algo é uma força que o impulsiona a seguir um caminho para uma meta gravada dentro dele desde a origem. O que Anker Larsen denomina "algo" chamamos de átomo-centelha do Espírito no coração do microcosmo. "O que nós denominamos vida comum não passa de um processo de nascimento através das experiências de felicidade e de dor", diz o irmão do Graal a Hansen. Jacob Boehme e Jan van Rijckenborgh dizem exatamente a mesma coisa. Este último declara, em *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*: "A obra de Deus para a humanidade ainda não está terminada; a humanidade encontra-se em eterno devir. O dia da realização, o Grande Dia de Deus, somente tem início quando um homem começa a formar para si uma nova alma."⁶

Em *Da vida suprasensível* de Jacob

Boehme, um aluno pergunta por que Deus permite tantas lutas no mundo. E é-lhe respondido: "As lutas da vida existem para conduzir à revelação e à experiência, e que por fim a sabedoria seja reconhecida, a fim de servir à alegria eterna da vitória."⁷

1: Larsen, J. A., *Bei offener Tür*.

2: Larsen, J. A., *H. Hansen*, 1949.

3 e 4: Boehme, J., *Aurora*, 1620.

5: Rijckenborgh, J. v., *O advento do novo homem*, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, Brasil, 1988, p. 111.

6: Rijckenborgh, J. v., *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, v.2., São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, Brasil, 1996.

7: Boehme, J., *Da vida suprasensível* em *O caminho para Cristo*.

JOÃO
ULTIMONASCIDO



JOÃO ULTIMONASCIDO

Na manhã de seu vigésimo oitavo aniversário, João recebe uma casa como herança, juntamente com uma missão que era tradicionalmente delegada a cada morador dessa propriedade desde sua origem:

Transforma esta casa segundo o plano original. Renova cada cômodo, um a um. Aquele que edifica como um mestre construtor encontrará a pedra filosofal!

Arrebatado por essa ventura inesperada, ele sente uma grande responsabilidade: invadir sua alma. Será ele capaz de cumprir tão nobre missão?

1ª ed. nov. 2014 - 64 pgs. - ISBN 85-88790-16-7

R\$ 12,00

EDITORA ROSACRUZ

Caixa Postal 39 - 13.240-000 - Jarinu - SP - Brasil - Tel (11) 4016.4234 - fax 4016.3405
www.editorarosacruz.com.br - info@editorarosacruz.com.br

EDITORA
Rosacruz



OS ANIMAIS DOS MISTÉRIOS

Série Cristal - volume 2

Todos os grandes mestres da humanidade não só procuraram transmitir o ensinamento universal para as mentes e os corações dos homens de sua época, mas também salvaguardar para as gerações futuras os aspectos interiores espirituais difíceis de serem descritos. Por isso, Lao Tsé utilizou aforismos, Hermes Trismegisto, diálogos, Buda, sermões e histórias e Jesus, parábolas.

Numa linguagem simples e direta, este livro instiga o leitor a decifrar esses símbolos dentro de si mesmo e a vivenciar a verdadeira mensagem das forças latentes da fênix, do pelicano, do unicórnio e de tantos outros animais dos mistérios.

1ª ed. março 2005 - 96 pgs. - ISBN 85-88950-17-0 R\$ **15,50**



DO CASTIGO DA ALMA

Série Cristal - volume 1

Mais um testemunho da intervenção da luz para a redenção da humanidade, as lições, contidas neste livro, marcam com o fogo da sabedoria hermética as almas anelantes dos homens de todos os tempos.

1ª ed. maio 2004 - 96 pgs. - ISBN: 85-88950-10-3 R\$ **15,50**



Fazei o trabalho que o caminho requer de vós, como pesquisadores ou alunos da Rosacruz, a serviço da grande obra. Não o façais para vós mesmos, mas sim porque vosso amor vos diz que isso deve ser feito. Não penseis em vosso próprio adiantamento espiritual, nem especulai sobre a promoção interior, porque eles virão a seu tempo e na hora exata. Não é verdade que "Vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de lho pedirdes", como disse Cristo?

*(A neutralização da vontade e do desejo,
de J.van Rijckenborgh, p.7)*